

Universidade Popular dos Movimentos Sociais

Oficina “Cartas aos Europeus”

23 e 24 de Fevereiro de 2013

Casa da Nora

Leiria

Portugal

Índice

Introdução.....	3
As “Cartas aos Europeus” como mote de uma oficina da Universidade Popular dos Movimentos Sociais 3	
A Universidade Popular dos Movimentos Sociais.....	4
As “Cartas aos Europeus”	9
A oficina	12
Os participantes	12
Primeiro Momento - Apresentação da UPMS	23
Segundo Momento - As lutas: o auto e o inter-conhecimento	25
Terceiro Momento – A actuação dos movimentos: forças e fraquezas	42
Quarto Momento – “As Cartas aos Europeus”	62
Os lugares de enunciação	62
O debate	72
Quinto Momento – As ausências da oficina	75
Temas para debate futuro e encaminhamentos	78
Anexo 1	80
Anexo 2	83

1. Introdução

1. 1. As “Cartas aos Europeus” como mote de uma oficina da Universidade Popular dos Movimentos Sociais

A 23 e 24 de Fevereiro de 2013, 17 mulheres e 15 homens, actuantes em mais de uma quinzena de movimentos sociais estabelecidos na Europa, reuniram-se na Casa da Nora, em Leiria (Portugal), para, colectivamente, concederem vida à primeira oficina da Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS) sediada no continente europeu.

Esta oficina da UPMS nasceu de um repto lançado por Boaventura de Sousa Santos aos movimentos sociais que intervêm nesse continente. Boaventura de Sousa Santos desafiou os últimos a redigirem cartas endereçadas às europeias e aos europeus, sob o mote “se a Europa pudesse aprender com a experiência do mundo, que lições concretas lhe seriam mais úteis?”.

O desafio impresso nas “Cartas aos Europeus” recebeu fôlego do encontro entre a UPMS e o Projecto “ALICE – Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas: Definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiência do Mundo”. Este projecto que é dirigido por Boaventura de Sousa Santos, financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação e desenvolvido a partir do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, visa repensar e renovar o conhecimento científico-social à luz das Epistemologias do Sul, com o objetivo de desenvolver novos paradigmas teóricos e políticos de transformação social.¹

¹ Ver em: <http://alice.ces.uc.pt/en/?lang=pt>.

1. 2. A Universidade Popular dos Movimentos Sociais

A origem

A UPMS germinou no terceiro Fórum Social Mundial (FSM) com o anelo de promover um interconhecimento entre os agentes da globalização contra-hegemónica que robustecesse a emergência de uma rede global de saberes radicalmente democrática e contornasse os reconhecidos embaraços à construção de uma pauta comum entre as lutas que compõem a globalização contra-hegemónica.

Em respeito ao programa minimalista do FSM, declarado na sua Carta de Princípios, e face à falência de teorias totalizantes, Boaventura de Sousa Santos propôs, nessa edição do FSM, a criação de uma Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS), como uma zona de contacto que promovesse um conhecimento recíproco entre os movimentos e organizações e tornasse possíveis coligações e ações coletivas conjuntas, com recurso à tradução intercultural como um procedimento apto à produção de inteligibilidade recíproca entre saberes e práticas heterogéneos.

A UPMS nasce assim com o intento de, por um lado, ultrapassar a distinção entre saberes académicos e saberes populares e entre teoria e prática e por outro lado, reconhecer a incompletude de todo e qualquer saber, de modo a promover o trânsito do auto-reconhecimento dos limites e potencialidades internas de cada saber para o inter-reconhecimento dos limites e potencialidades de outros saberes, convertendo a “diferença epistémica”² (Santos, 2008: 28) numa “ecologia de saberes” (Santos, 2006: 143 e 2007: 26) que, por sua vez:

² Santos, B. S. 2008. “A filosofia à venda, a doura ignorância e a aposta de Pascal”. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 80: 11 – 43.



(...) assenta no reconhecimento da pluralidade de saberes heterogéneos, da autonomia de cada um deles e da articulação sistémica, dinâmica e horizontal entre eles. A ecologia de saberes assenta na independência complexa entre os diferentes saberes que constituem o sistema aberto do conhecimento em processo constante da criação e renovação.³

Reunindo activistas e lideranças dos movimentos sociais, membros de organizações não governamentais, bem como cientistas sociais, investigadores e artistas empenhados na transformação da sociedade, segundo uma metodologia de participação de dois terços de activistas e um terço de intelectuais, a UPMS assume como principais novidades, face a outras iniciativas congéneres, a detenção de um cunho intertemático e intercultural e de um escopo global, a compasso com a pluralidade e a inter-escalaridade intrínsecas à globalização contra-hegemónica.

A UPMS deve ser compreendida como um bem comum. Organizações e instituições que se identifiquem com os objetivos, carta de princípios e pautas metodológicas da UPMS, são incentivadas a organizarem oficinas da UPMS no seio de suas atividades. A Carta de Princípios e as orientações metodológicas são os principais documentos da UPMS e foram ambos produzidos e deliberados coletivamente em assembléias da UPMS realizadas no âmbito dos Fóruns Sociais Mundiais.

³ Santos, B. S. 2006. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. Porto, Afrontamento.



A UPMS como processo pedagógico e como espaço de articulação

A UPMS se articula como um processo pedagógico que reconhece a vida cotidiana e a experiência como espaços legítimos de produção de saber e de luta. Buscando contribuir para maior conhecimento recíproco entre os movimentos sociais, a UPMS destina-se a activistas e lideranças dos movimentos sociais, membros de organizações não governamentais, bem como cientistas sociais, investigadores e artistas empenhados na transformação da sociedade. Suas oficinas são a principal expressão do processo político-pedagógico pretendido e potencializam a troca de saberes, valorizando diferentes perspectivas e olhares. Nestas oficinas, que duram dois dias de trabalho e de convívio, diferentes movimentos e actores sociais partilham reflexões e experiências e se articulam em torno de questões comuns. Alicerçadas na proposta teórico-metodológica da “tradução intercultural” e da “ecologia dos saberes” - desenvolvida por Boaventura de Sousa Santos -, as oficinas da UPMS, realizadas em vários países, fundamentam-se na perspectiva de que existem muitos conhecimentos possíveis, diversos e capazes de potencializar um enriquecimento mútuo de produção do conhecimento e, conseqüentemente, de fortalecimento das lutas políticas.

Embora tenha já consolidado uma trajetória de oficinas, muitas das quais realizadas na América Latina, a UPMS hoje reconhece que é necessário e oportuno ampliar os termos destas relações de intercâmbio, trazendo à cena outras concepções, outras bandeiras de luta e outros modos de intervenção política, se quisermos, efetivamente, fomentar maior justiça cognitiva e pôr, em diálogo, diferentes saberes. A UPMS de Leiria e a UPMS de Túnis, ambas recentes, inauguraram este esforço de ampliação para outros continentes, sendo a UPMS de Leiria a primeira a ocorrer na Europa. Consolida-se, assim, o compromisso epistemológico da UPMS de estimular e reforçar as alianças no Sul Global, fomentando um olhar respeitoso para as diferenças que dentro dele se manifestam e propiciando maior solidariedade entre as lutas travadas inclusive em diferentes continentes. Dando voz a diferentes narrativas, a UPMS se

delineia como um espaço de troca e articulação entre diferentes actores sociais, apresentando-se, também, como compromisso epistemológico (e político) de fazer ecoar diferentes “vozes do mundo”. Com a chegada das oficinas da UPMS em diferentes partes do globo, fortalece-se a perspectiva dialógica entre diferentes “Suis”, fomentando maior solidariedade internacional e conhecimento recíproco entre movimentos com demandas semelhantes em diferentes continentes. Promovendo o encontro entre diferentes realidades, a UPMS aprofunda a ideia de se fazer cruzarem os olhares dentro do Sul.

Ainda assim, apesar de muitas lutas compartilharem o mesmo horizonte temporal, é importante ter em conta que movimentos e organizações oriundos de diferentes contextos e trajetórias culturais podem não partir dos mesmos pressupostos e das mesmas concepções de mundo. A tradução intercultural e interpolítica desempenha aqui um papel imprescindível: constituindo um espaço polifónico que permite a manifestação das diferenças, a UPMS procura promover o início de uma confiança recíproca e do entendimento entre diferentes movimentos/organizações/lutas. Ao construir pontes dialógicas para o reconhecimento de complementaridades, a UPMS reforça as alianças possíveis entre diferentes lutas, viabilizando ações políticas conjuntas.

Para melhor compreender a proposta da UPMS, merece escutar-se Boaventura de Sousa Santos, num depoimento oral em Inglês,⁴ colhido em Junho de 2013, no lastro da oficina de que se ocupa este relatório:

(...) The World Social Forum brought together, in the beginning of the last decade 2000, social scientists, artists, all of them united by the idea of progressive social change, as well as social movements and NGOs coming from different continents with different ideas, fighting for different struggles, be they women, workers, peasants, indigenous people, human rights, right

⁴ Este depoimento pode ser visualizado na íntegra no vídeo da UPMS, bem como no anexo 2 deste relatório. O vídeo encontra-se disponível em: alice.ces.uc.pt/en/index.php/portugal/upms-leiria-february-2013/.



to city, LGBT, etc., all of them with different languages - sometimes with different colonial languages in linguistic terms-, but also with different grammars, different concepts, different ways of naming their struggles. And this brought to my attention the idea that we should develop some kind of co-learning that would bring us together. Not just academic knowledge with non-academic knowledge, but also popular knowledges among themselves - urban knowledges and rural knowledges, peasants knowledges and women's knowledges, LGBT knowledges, and other kinds of knowledges - all these different knowledges and different concepts should be brought together under what for me is very important, in my epistemological thinking, the idea that we need to try by this co-learning to develop forms of ecology of knowledges through intercultural translation. I'm not talking about intercultural translation between the oppressed and the oppressor, between the dominant knowledge and the dominated knowledges, I'm concerned with intercultural translation among social movements, the different social movements, and the way we can come, in fact, to an understanding of these different knowledges. And of course the scientific knowledge, which is a dominant knowledge, but that can be put to a counter-hegemonic use by progressive social scientists, activists, artists that are involved in the struggle for a better world.

So having this in mind we set up the idea of a Popular University of Social Movements which is basically a form of popular education in which the distinction between educator and educatee collapses, because all of us are educators and all of us teach something to the other in a horizontal way, which in fact is not a romantic one because, of course, we know the power relations among different kinds of knowledges, but we try to do our best to be self-critical and to engage in a vast dialogue.

We've been holding these meetings in several countries. We've started in Latin America. Some of them were national, now they are already international. We organized them in Colombia, then in Argentina, in Brazil, and this year we already organized them in Portugal, in Spain and in Tunis. In Tunis fifteen countries were involved, in Leiria were also involved countries from the European region. Therefore we had movements and organizations with different ideas, with different conceptions. And in the end we usually do a report, a systematization of the different

ideas, of the discussions, and basically what we need in the end is that people get to know each other better and eliminate stereotypes and recognize their differences and their convergences, and create a disposition to get together in the struggles that are done today.

1. 3. As “Cartas aos Europeus”

Uma vez que o colonialismo interno também se instalou na Europa, dividindo cidadãos a partir da expansão, no tecido social europeu, de uma sociedade civil incivil (Santos, 2003)⁵, movimentos sociais presentes no terreno cada vez mais se articulam e se pronunciam pelo direito de “co-presença” (Santos, 2007) daqueles que têm sido vítimas constantes, dentro e fora do território europeu, de racismo, sexismo, exploração e/ou outras formas de discriminação.

Neste sentido, no final de 2012, Boaventura de Sousa Santos lançou um desafio aos movimentos e organizações sociais que lutam por maior justiça cognitiva e social no contexto europeu, frente à “arrogância colonial européia”⁶ que persiste. Tratava-se de um conjunto de cartas escritas por estes movimentos e endereçadas aos europeus – sejam eles dirigentes políticos, partidos, opinião pública ou a sociedade civil como um todo – com a intenção de constituir um espaço de ressonância não só para críticas usualmente silenciadas, mas também para diferentes experiências do mundo capazes de constituir lições concretas para a Europa. Organizações e movimentos sociais foram chamados a escrever estas cartas às mulheres e

⁵ Veja-se o conceito de sociedade civil incivil no artigo “Poderá o direito ser emancipatório?”, disponível em <http://rccs.revues.org/1180>.

⁶ Ver carta a Evo Morales, publicada em 17/7/2013, disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=6202.



homens europeus, no sentido de comunicar as violências sofridas, as formas políticas de resistência e as experiências emancipatórias possíveis, vividas no âmbito da Europa.

Estas cartas, reunidas e apresentadas a todos os movimentos participantes da UPMS de Leiria, permitiram, no encontro dos dias 23 e 24 de fevereiro do corrente ano, que se partilhassem diferentes histórias e perspectivas de luta, com vistas a possíveis e futuras articulações contras as linhas abissais mantidas por relações continuadas de opressão e violência. Movimentos com diferentes bandeiras de luta foram convidados a melhor se conhecerem e interagirem – sendo as cartas o primeiro passo neste sentido.

Da resposta dos movimentos sociais a esse desafio brotou um questionamento crítico do que é, afinal, a Europa, e de quem serão, enfim, os europeus. Sob os olhares diversamente situados dos movimentos sociais que aceitaram o repto das “Cartas aos Europeus”, a imagem oficial da Europa viu-se desmontada e repostada por uma outra, esculpida essa por estratos múltiplos de origens históricas heterogéneas. Das “Cartas aos Europeus” emergiu, assim, uma Europa polifónica, intercultural, controversa e desigual. Ao longo dos dias da UPMS de Leiria – em que as cartas foram objeto de reflexão e as diferentes formas de discriminação vividas foram postas sobre a mesa –, a tradução intercultural, como processo de gestação progressiva do inter-conhecimento, revelou-se útil para que as diferentes lutas e perspectivas se comunicassem, sem perder de vista a historicidade intrínseca às desigualdades vividas nos países europeus. Se é facto que as linhas abissais não se desmontam na simples evocação do encontro das diferenças –, é igualmente verdade que o difícil e contínuo processo de tradução intercultural revela-se elemento indispensável para o embate quotidiano contra a naturalização das linhas abissais. Deste exercício constante de tradução advém a articulação política das minorias silenciadas.

Neste sentido, a UPMS de Leiria – a primeira a propor um conjunto de cartas públicas – buscou constituir um espaço de encontro não só das diferentes lutas, mas também das experiências emancipatórias que têm acontecido na Europa, ainda que interesses hegemónicos

insistam em permanentemente invisibilizá-las. Esta oficina, como se poderá ver pelo relato de suas principais fases, evidenciou a emergência de uma Europa multifacetada, tanto no velamento e desvelamento de suas crises internas quanto nas formas de construção quotidiana da resistência. Dos principais contributos epistemológicos resultantes deste encontro de dois dias, um, sem dúvida, se destaca: a percepção de se terem desvelado outras Europas de lastro histórico, também emergentes e alternativas, dentro da Europa oficial construída sob os diversos consensos de sustentação de um bloco hegemónico, desvendando, também e ainda, outras europeias e outros europeus não reconhecidos pela imagem hegemónica e naturalizada do sujeito-cidadão europeu.

Os principais momentos da oficina de Leiria, abaixo descritos, podem ser acompanhados no vídeo realizado em diálogo com este relatório e disponível em <http://alice.ces.uc.pt/en/index.php/portugal/upms-leiria-february-2013/?lang=pt>:

<http://alice.ces.uc.pt/en/index.php/portugal/upms-leiria-february-2013/?lang=pt>.

2. A oficina

2. 1. Os participantes

Na sequência deste desafio, convergiram ao cenário da Casa da Nora quinze movimentos sociais para um encontro residencial de dois dias.

Oriundos de países europeus como a Espanha, França, Holanda e Portugal, mas também com afiliações com o Ecuador, a Argélia, a Bolívia ou o Suriname, entre estes movimentos sociais constavam: Assembleia de Apoyo a Bolívia; Centro Cultural Islâmico de Valência (CCIV); Associação de Combate à Precariedade - precários inflexíveis; Decoloniality Europe; Islamic Human Rights Commission; Juventud Sin Futuro; Parti des Indigènes de la République (PIR); Plataforma Afectados por las Hipotecas e Coordinación Nacional de Ecuatorianos en España; Revista Rubra; Sindicato Andaluz de Trabajadores/as (SAT); SOS Racismo; Summer School on Black Europe; UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta; Sindicato USTEA – CI (Unión de Sindicatos de Trabajadoras y Trabajadores en Andalucía – Confederación Intersindical); Marea Verde; Uhuru Movement; 15M.

A Assembleia de Apoyo a Bolívia, sediada em Espanha e representada nesta oficina por Iris Urquidí Rocha, procura apoiar o processo constituinte boliviano que constituiu, com a nova Constituição promulgada em 2009, a Bolívia como um Estado Plurinacional, fundamentado na pluralidade de todas as ordens, com reconhecimento de autogoverno, domínio ancestral e justiça indígena nos seus territórios.



A Associação de combate a precariedade - precários inflexíveis, sediada em Portugal e representada nesta oficina por João Camargo, nasceu para defender os direitos de todas as trabalhadoras e todos os trabalhadores, em particular, de todas as pessoas sujeitas a qualquer forma de precariedade e em situação de desemprego. Busca também relacionar-se activamente com os movimentos, associações e entidades públicas e privadas que lutem contra qualquer tipo de discriminação e opressão.⁷

O Centro Cultural Islâmico de Valência (CCIV), sediado em Espanha, e representado nesta oficina por Abdelaziz Hammaoui, é uma instituição cultural e apolítica sem fins de lucro, ao serviço da comunidade muçulmana e em representação da mesma em todos os âmbitos da sociedade, promovendo o conhecimento entre muçulmanos e não muçulmanos, num esforço de coesão social e de resgate do legado muçulmano na história de Espanha.⁸

A rede Decoloniality Europe, que integra movimentos de diversos países, e que esteve representada nesta oficina por Ramon Grosfoguel e Julia Suarez-Krabbe, dedica-se ao fomento da comunicação, discussão e colaboração entre académicos e/ou activistas cujo trabalho é desenvolvido em torno de uma crítica à colonialidade e de uma descolonização da Europa, promovendo encontros da rede desde 2012.⁹

⁷ Ver em: <http://www.precariosinflexiveis.org>.

⁸ Ver em: <http://www.webcciv.org/web>.

⁹ Ver em: <http://decolonialityeurope.wix.com/decoloniality#!key-concepts/c18i9>.

O International Institute for Scientific Research (IIRS), integrado na Decolonial Network Holland e representado nesta oficina por Sandew Hira, insere-se na rede Decoloniality Europe e desenvolve não apenas na Holanda, mas também no Suriname, um trabalho votado a integrar um corpo de conhecimento descolonial nos livros escolares e a promover programas de formação descoloniais sobre os tópicos do racismo, escravatura e resistência, dedicando-se a promover mudanças no sistema de produção de conhecimento na Holanda – país que se tem revelado bastante racista, na contramão daquilo que tem sido enunciado pelos media e pelas universidades. A rede preocupa-se em produzir conhecimento novo e alternativo – desfazendo a construção epistemológica de uma “autoridade branca”, evidenciando o racismo holandês e conferindo voz aos intelectuais negros no país.

A Islamic Human Rights Commission, sediada no Reino Unido e representada nesta oficina por Arzu Merali, trabalha com diferentes organizações muçulmanas e não-muçulmanas em campanhas públicas pela justiça social e na redacção de relatórios sobre crimes contra os direitos humanos, discriminação, crimes de ódio, etc., para alertar governos e organizações internacionais, tendo estatuto consultativo nas Nações Unidas.¹⁰

A Juventud Sin Futuro, sediada em Espanha, e representada nesta oficina por Raquel Huertas e Miguel Bermejo, é um colectivo de jovens que busca alternativas para a crise europeia. Este colectivo denuncia o esgotamento do modelo de governação neoliberal, bem como a precariedade vivida pela juventude em termos sociais, laborais e educativos. Está na origem da coordenação para desempregados e trabalhadores precários, tendo participado também da origem do movimento 15M em Espanha.¹¹

¹⁰ Ver em: <http://www.ihrc.org.uk>.

¹¹ Ver em: <http://juventudsinfuturo.net>.

O Parti des Indigènes de la République (PIR), sediado em França e representado nesta oficina por Houria Bouteldja, luta contra a dominação imperial, a marginalização política, a estigmatização de culturas e religiões e a repressão da imigração, defendendo que as desigualdades raciais acantonam negros, árabes e muçulmanos, num estatuto análogo ao dos indígenas nas antigas colónias, e promovendo uma força política indígena autónoma apta a influenciar a sociedade e as políticas públicas francesas.¹²

A Plataforma Afectados por las Hipotecas e a Coordinación Nacional de Ecuatorianos en España, sediada em Espanha e representada nesta oficina por Aída Quinatoa, desenvolve campanhas para lutar contra a vulneração do direito a uma vivenda digna pela especulação bancária e pela crise financeira, promovendo a reapropriação cidadã das habitações vazias que se encontram nas mãos das entidades financeiras devido às execuções hipotecárias. Oferecendo uma assessoria colectiva às pessoas afectadas pelos despejos hipotecários, exerce pressão sobre as administrações públicas para que adoptem as medidas necessárias para garantir o direito à vivenda.¹³

A Revista Rubra, sediada em Portugal e representada nesta oficina por João Jordão, é uma revista feita por trabalhadores, estudantes e intelectuais, e um colectivo militante que encontra na contradição capital-trabalho a chave das vitórias sociais, lutando contra o capitalismo através de uma aposta na clareza, em que não somente a política pura e dura é que conta, mas em que todos os assuntos da vida são considerados integrantes da transformação social.¹⁴

¹² Ver em: <http://www.indigenes-republique.fr/pir>.

¹³ Ver em: <http://afectadosporlahipoteca.com>.

¹⁴ Ver em: <http://www.revistarubra.org>.

O Sindicato Andaluz de Trabajadores/as (SAT), sediado em Espanha e representado nesta oficina por Juan Manuel Sanchez Gordillo, Maria José Lera, Curro Moreno e Javier García Fernández, desenvolveu, em 2007, uma assembleia constituinte do SAT com 500 delegados, cuja denúncia do desmantelamento da agricultura e do tecido industrial andaluz, da falta de direitos laborais da população imigrante e da degradação ambiental promovida pelo crescimento capitalista, se alia a uma proposta de autonomia política e de desenvolvimento alternativos implementada na Andaluzia.¹⁵

O SOS Racismo, sediado em Portugal e representado nesta oficina por José Falcão, luta pela garantia dos direitos de cidadania para todos, ainda quando estejam na condição de estrangeiros. A instituição colabora ainda com outras associações anti-racistas e de imigrantes a nível nacional, estando envolvida, junto com outros países, numa rede anti-racista europeia.¹⁶

A Summer School on Black Europe, sediada na Holanda e representada nesta oficina por Kwame Nimako, constitui-se como uma formação crítica, dada em colaboração com a Vrije Universiteit e o National Institute for the study of Dutch Slavery and its Legacy, cujo objectivo principal é examinar as circunstâncias contemporâneas da diáspora Africana na Europa, com enfoque no legado colonial nos países europeus. Também investiga o impacto desse mesmo legado nas políticas públicas e legislações.¹⁷

A UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta –, sediada em Portugal e representada nesta oficina por Ana Paula Mateus, é uma associação de mulheres, representada no Conselho

¹⁵ Ver em: <http://www.sindicatoandaluz.org>.

¹⁶ Ver em: <http://www.sosracismo.pt>.

¹⁷ Ver em: <http://www.ninsee.nl/Summerschool-1>.

Consultivo da CIDM (Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres) desde 1977, “que se reclama de um feminismo comprometido socialmente, empenhado em despertar a consciência feminista na sociedade portuguesa” em causas como o direito à contraceção e ao aborto, a luta contra a violência doméstica, a Paridade nos órgãos de decisão política ou o envolvimento internacional em iniciativas como a da Marcha Mundial de Mulheres.¹⁸

O Sindicato USTEA - CI (Unión de Sindicatos de Trabajadoras y Trabajadores en Andalucía – Confederación Intersindical), sediado em Espanha e representado por María Teresa Rodríguez-Rubio Vázquez, tem um carácter socio-político que em torno da reivindicação por melhores condições laborais e profissionais, participação em assuntos políticos e sociais da colectividade, rejeita o actual modelo socioeconómico cujo objectivo é o crescimento ilimitado.¹⁹

O Uhuru Movement, que integra diversas organizações de vários países e continentes e que esteve representado nesta oficina por Joanna James e Vanessa Thompson, é uma organização política baseada nos princípios do pan-africanismo, de advocacia pela liberdade política dos africanos negros no continente e diáspora Africanos e promoção de um desenvolvimento económico sustentável entre as comunidades diaspóricas, sendo que 'Uhuru' é a palavra Swahili para liberdade.²⁰

O 15M, nascido em Espanha e representado nesta oficina por Juan Carlos Monedero e Raquel Huertas, emergiu dos movimentos ¡Democracia Real Ya!, NoLesVotes, Tasa Robin Hood, Indignados, etc., e da socialização pública da indignação colectiva crescente perante a falência

¹⁸ Ver em: <http://www.umarfeminismos.org>.

¹⁹ Ver em: <http://www.ustea.org>.

²⁰ Ver em: <http://www.uhurumovement.org>.

de um modelo neoliberal de sociedade, que clama por uma democracia radical e por uma revolução ética, ocupando as ruas.²¹

Tendo como sustento as cartas previamente escritas pelos movimentos sociais, a oficina desenrolou-se entre sessões formais de trabalho e momentos de comensalidade e lazer, sendo que o diálogo e o inter-conhecimento perpassou tanto as primeiras, quanto os segundos, aprofundando, não obstante, vertentes distintas nuns e noutros.

Em verdade, se as sessões de trabalho densificaram a palavra e o discurso da pertença e da diferença enquanto instrumento político de denúncia da violência e de reivindicação de direitos, os momentos de comensalidade e de lazer libertaram o riso e a música enquanto artesanias da inter-subjectividade num encontro de experiências vividas favorável ao sentimento da igualdade.

E a música, como artesanias da inter-subjectividade, desenhou, a par com o discurso, uma Europa polifónica e intercultural, importando para a Casa da Nora a hibridez cultural do flamenco, que se materializou na guitarra e nos corpos bailantes de participantes da oficina, os sons da resistência política no Ecuador com som e palavra de invocação da memória do Monsenhor Monseñor Leonidas Proaño, ou a memória da guerra na Argélia com o hino de resistência *Min Jibalina* abaixo transcrito em árabe:

Min jibali tala'a saoutou el ahrar younadina lilstiqlal

Min jibali tala'a saoutou el ahrar younadina lilstiqlal

younadi liliistiqlal, listiqlali watnina

Younadi liliistiqlal, listiqlali watnina

²¹ Ver em: <http://movimiento15m.org/>.

Tadhyiatouna lilwatan, kheirou min el hayat

Oudhahi bi hayati wa bimali 'aleyki

Oudhahi bi hayati wa bimali 'aleyki

Ya biladi ya biladi

Ana la ahwa siwak

Qad sala dounia fouadi

Wa tafana fi hawak

Qad sala dounia fouadi

Wa tafana fi hawak

Min jibali tala'a saoutou el ahrar younadina lilstiqlal

Min jibali tala'a saoutou el ahrar younadina lilstiqlal

Younadi liliistiqlal, listiqlali watnina

Younadi liliistiqlal, listiqlali watnina

Em verdade, foi o encontro em redor da comensalidade que inaugurou a oficina na véspera do primeiro dia de trabalhos com um primeiro contacto informal entre os participantes ao almoço e ao jantar num terraço envidraçado, aquecido por uma salamandra e ornamentado pela paisagem de um rio incessante no seu movimento.

As sessões de trabalho formais tiveram, então, início na manhã de 23 de Fevereiro com uma breve apresentação à UPMS por Boaventura de Sousa Santos e o estabelecimento entre os participantes de um acordo de convivialidade que, ao definir colectivamente os procedimentos



relativos aos tempos do diálogo e aos instrumentos de memória da oficina, visou criar as condições para a indispensável confiança mútua entre pessoas com histórias e pertenças diversas. Um segundo momento aprofundou o inter-reconhecimento entre pessoas e lutas. Um terceiro momento aprofundou a tradução entre lutas, desvendando, sobretudo, convergências entre aquelas e obrando um deslocamento da controvérsia para as agências que sustentam uma hegemonia de subordinação das lutas e que foram, aqui, identificadas na ciência e no capital. Um quarto momento inaugurou um procedimento novo na UPMS e que fazendo uso das “cartas aos Europeus” redigidas pelos participantes, desenvolveu uma sociologia das ausências aplicada às diferentes lutas que desembocou numa sociologia das emergências entre as mesmas lutas, ou seja, identificando as ausências em cada luta e descortinando as possíveis zonas de contacto futuras entre as mesmas.

Antes de explicitar cada um destes momentos de trabalho formal, transcreve-se abaixo o cronograma das actividades desenvolvidas nesta oficina da UPMS.

23 de Fevereiro – 1º dia

<p><i>1º Momento</i> (9.30h- 10.30h)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Boas vindas e exibição da vídeo carta • Introdução à UPMS por Boaventura de Sousa Santos • Acordo de convivência
<p><i>2º Momento – As lutas O auto e o inter-conhecimento</i> (10.30-14.45)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tópicos: Nome/Movimento/Bandeiras de Luta/Estratégias de Acção • Dinâmica: Apresentação de cada movimento em plenária
<p><i>Comensalidade</i> (14.45-15.30)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Almoço no local
<p><i>3º Momento – Os Movimentos Forças e fraquezas</i> (15.30-20.15)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tópicos: Conquistas/Desafios/Adversários/Parcerias • Dinâmica: Constituição de cinco grupos aleatoriamente; Discussão nos grupos; Apresentação dos grupos em plenária
<p><i>Comensalidade</i> (20.15)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Jantar e convívio

24 de Fevereiro – 2º dia

<p><i>As Cartas aos Europeus</i> (10.00 – 13.45)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Convergências e divergências entre as “Cartas aos Europeus”
<p><i>Encaminhamentos e encerramento</i> (13.45 – 14.30)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Temas para debate futuro • Agenda das “Cartas aos Europeus” • Ausências



- | • Informes

3. Primeiro Momento - Apresentação da UPMS

As sessões de trabalho formal da oficina da UPMS de Leiria tiveram início na manhã de 23 de Fevereiro com as boas vindas dadas aos 32 participantes e o visionamento da vídeo carta da UPMS,²² ao que se seguiu uma breve introdução à UPMS por Boaventura de Sousa Santos.

Seguiu-se o estabelecimento de um acordo de convivência entre os participantes que estabeleceu os procedimentos básicos para a memória da oficina. Alice Cruz e Luciane Lucas dos Santos, que integram a equipa do Projeto Alice, explicaram o processo de sistematização da oficina. A sistematização consiste, primordialmente, na memória física (fotos, vídeos e documentos produzidos nos dois dias da oficina) e na produção de um relatório final. Também foi dito, logo no início, que as decisões relativas às gravações de imagem e som deveriam ser acordadas em colectivo antes que qualquer imagem fosse gravada. Neste momento, foi igualmente esclarecido aos participantes que aqueles que tivessem alguma objeção quanto a fotografias ou filmagem, não seriam fotografados ou filmados. De todos os participantes, apenas uma pessoa solicitou que não fosse filmada, o que foi prontamente respeitado pela equipa que estava registando as imagens da oficina. Os participantes também foram incentivados a participarem do registro do evento, compartilhando fotos.

Durante o acordo de convivência, outras informações foram dadas acerca do processo de sistematização:

- Todos os documentos seriam arquivados no espaço físico da UPMS, em Porto Alegre (Brasil);
- As gravações de audio só aconteceriam durante as sessões plenárias;

²² A vídeo-carta da UPMS encontra-se disponível em:
<http://www.universidadepopular.org/site/pages/pt/galerias/videoteca/video-carta.php>.

. De modo a enriquecer o relatório final e tendo em vista as gravações de áudio apenas nas plenárias, foi solicitado que os relatores dos grupos de trabalho compartilhassem, com a equipe de relatoria, as notas das reuniões de trabalho no decorrer da manhã e da tarde.

- Foi explicado pela equipa de relatoria que o relatório publicizado na página web da UPMS seria mais curto, havendo todo o cuidado para não expor os movimentos e suas estratégias de luta. Neste sentido, o relatório mais completo seria compartilhado apenas como os participantes da oficina.

- Foi enfatizada a relevância do relatório final como documento de trabalho, voltado para a articulação das diferentes lutas.

Acordo de convivência

Tempo das falas: 3/5 minutos com dinâmica das mãos

Grupos aleatórios

Filmagens e gravações

Telefones silencioso

Prestação de contas: passagens; lista de presença

Memória UPMS: sistematização; relatoria

Convívio

4. Segundo Momento - As lutas: o auto e o inter-conhecimento

Após um pequeno intervalo, a oficina teve início, em seguida, com uma sessão de inter-conhecimento, vocacionada para a criação de inteligibilidade recíproca, em que cada participante se apresentou formalmente ao colectivo, juntamente com uma breve descrição da sua luta. Aline Mendonça e Bruno Sena Martins, também da equipa do Projeto Alice, foram os responsáveis pela condução inicial desta tarefa. Em um segundo momento, Boaventura de Sousa Santos assumiu a condução da atividade.

Aline e Bruno explicaram o objectivo desta primeira actividade: construir colectivamente um grande painel, no qual seriam registadas as principais referências identitárias dos participantes da oficina. Tratava-se, então, de comunicar aos companheiros de jornada o lugar de onde cada qual falava. Foi explicada também a importância de se colocar este grande painel coletivo – assim como outros que se seguiram – na parede, constituindo a memória física (e coletiva) da UPMS de Leiria.

Para isso, foi desenvolvida uma dinâmica em torno de duas perguntas-chave: quem somos e de onde falamos. Essas perguntas foram desdobradas em quatro tópicos: **Nome**, **Movimento**, **Bandeiras de Luta** e **Estratégias de Acção**. Cada participante, em representação do seu movimento, produziu, então, a resposta a esses tópicos, apresentando-os, em seguida, ao colectivo, numa plenária que compôs um quadro com as anotações de cada participante. O processo foi bastante simples: cada qual registou, em folhas coloridas, as informações sobre si e a instituição que representava. Nas folhas azuis escreveram seus nomes; nas de cor cinza, a organização a que estavam vinculados; nas folhas laranja, anotaram as lutas travadas pela instituição representada e, por fim, nas folhas amarelas, descreveram as principais estratégias

para materializar as lutas. Esta primeira atividade da manhã teve um resultado importante sobre o colectivo: quebrando a formalidade, fez as pessoas interagirem na construção deste “retrato” coletivo do grupo, já revelando o rico manancial de lutas ali representado. A evidência desta rica polifonia ampliou-se durante as apresentações, quando, então, o grupo pode compreender, em mais detalhes, os objectivos e as bandeiras de cada instituição/movimento presente.

Nesta sessão, emergiram bandeiras de luta variadas, algumas entrecruzadas, outras mais apartadas, tais como: a luta contra a islamofobia, a luta contra o racismo, a luta pela justiça social, a luta pela igualdade de oportunidades para as minorias, a luta pela descolonização do conhecimento, a luta por uma organização política descolonial, a luta pela reparação, a luta pela igualdade através da revolução, a luta pela terra para quem a trabalha, a luta pela dignidade e pela soberania, a luta por uma educação pública e pela renovação pedagógica, a luta pelos direitos dos trabalhadores, a luta feminista, a luta pela auto-determinação e a luta contra o capitalismo global.

Quadro 1: O Segundo Momento – As Lutas

MOVIMENTO	BANDEIRAS DE LUTA	ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO
ASSEMBLEIA DE APOYO A BOLÍVIA	Apoyo con actividades informativas y de apoyo el proceso de Bolivia con y para los Bolivianos en España	Trabajar para que el proceso que se llevó a cabo en Bolivia sea difundido en España
CENTRO CULTURAL ISLÂMICO DE VALÊNCIA (CCIV)	Lucha contra la islamofobia Gestión diversidad Justicia social Igualdad de oportunidades para minorias	Educación Sensibilización Interculturalidad Capacitación (juventud, mujer) Diálogo interreligioso Investigación (Al Andalus) Trabajo social
DECOLONIAL EUROPE/UC BERKELEY	Decolonial Movements Actions	Decolonization of power and knowledge
INTERNATIONAL INSTITUTE FOR SCIENTIFIC RESEARCH (IIRS)/DECOLONIAL NETWORK HOLLAND	Decolonizing the mind	New knowledge production, critique of authority, Alternative textbooks
ISLAMIC HUMAN RIGHTS COMMISSION	Justice	Campaign Research Advocacy (to empower – to be led to be empowered)

JUVENTUD SIN FUTURO	Precariedad Vivienda Educación	Generar alternativas y contrapoderes
PARTI DES INDIGÈNES DE LA REPUBLIQUE (PIR)	Building the decolonial power in Europe through a political decolonial organization	Radical anti-racism anti-imperialism Criticism of coloniality of power
PLATAFORMA AFECTADOS POR LAS HIPOTECAS COORDINADOR NACIONAL DE ECUATORIANOS EN ESPAÑA	Verdad Justicia Reparación y no repetición	Hemos sido víctimas de la estafa hipotecaria Visibilizar el problema Mobilizar organizadamente Toma de sucursales bancarias
RED DECOLONIAL EUROPE	Descolonización Anti racismo Justicia cognitiva/descolonización del conocimiento y universidad	Fortalecimiento luchas (enredarse) Mutuo conocimiento ORGS Coyotismo epistémico Información-comunicación Formación – descolonización metodologías y pedagogía
REVISTA RUBRA	Igualdade através da revolução	Nacionalização da banca e anulação da dívida pública Organizar os trabalhadores e os desempregados
SINDICATO ANDALUZ DE TRABAJADORES/AS (SAT)	Tierra para quien la trabaja Dignidad y soberanía Justicia	
SOS RACISMO	Contra o racismo/xenofobia	Formação

PORTUGAL	e todas as discriminações	Participação/luta Informação Unificação movimentos
SUMMER SCHOOL ON BLACK EUROPE	Anti-racism Equal opportunity	Alternative Education
UMAR – UNIÃO DE MULHERES ALTERNATIVA E RESPOSTA	Lutas de mulheres	Grupos de mulheres
SINDICATO USTEA – CI (UNIÓN DE SINDICATOS DE TRABAJADORAS Y TRABAJADORES EN ANDALUCÍA – CONFEDERACIÓN INTERSINDICAL) MAREA VERDE	Educación pública/servicios públicos Derechos de l@s trabajador@s unidad de la clase trabajadora Renovación pedagógica Lucha feminista (otras)	Auto-organización asamblearia (mareas ciudadanas) Manifestaciones y huelgas Comités de empresa y juntas de personal Organización de l@s precari@s Formación sindical y laboral reivindicativa Unidad de acción sociopolítica
UHURU MOVEMENT	Self-determination against: Parasitic capitalism; Police terrorism; Colonial education; Immigration assaults; The “other” wars	[Strategies + Goals] Decolonisation/education Mass movements Self-development Unification TOUCH ALL, TOUCH ALL
PROJECTO ALICE	Democratizar a democracia; Outras economias; Novos constitucionalismos; Direitos humanos;	UPMS; Investigaçãocomprometida com a transformação da realidade

Durante as apresentações, cada participante revelou questões importantes acerca dos movimentos que representavam. Relacionamos, abaixo, os principais pontos mencionados por cada um dos participantes (as falas não foram transcritas na íntegra, mas relacionam os elementos essenciais de cada apresentação, de modo a evidenciar perspectivas de reflexão sobre a Europa hoje):

- **Ana Paula Mateus, da UMAR**, começou por lembrar que a luta das mulheres é, na verdade, “um universo”, referindo-se à multiplicidade de lutas a considerar. Segundo Ana Paula, a UMAR é uma associação composta somente por mulheres. Neste caso, os homens podem participar das atividades, mas não fazem parte da organização. A UMAR tem uma faceta local, atuando dentro do quadro local e institucional e que está relacionada com a igualdade das mulheres. Adota como estratégia a formação de grupos de mulheres com base nos diferentes tipos de luta. Ana Paula enfatizou que a perspectiva, no quotidiano, é a de lutar contra as muitas e diversas formas de discriminação contra as mulheres.

- **Abdelaziz Hammaoui, do CCIV**, relata que o Centro Cultural Islâmico de Valência é uma instituição que nasceu para fins culturais e religiosos. Contudo, se converteu, também, com o tempo, em uma ong social que tem, entre suas causas principais, a luta contra a islamofobia. Neste momento, abarca 12 áreas diferentes. Abdelaziz explica que, para este colectivo, em Espanha, o fator religioso revela-se importante na questão da identidade e que o CCIV acaba funcionando como um centro de acolhida no caso dos imigrantes muçulmanos. O trabalho com a questão da islamofobia se revela de grande importancia no Centro à medida que este fenómeno tem crescido muito na Europa nos últimos tempos, inclusive com o apoio de partidos de direita e extrema direita. O CCIV trabalha, também, conforme relata Abdelaziz, com a questão da diversidade cultural e religiosa em Espanha. Outro ponto de que o CCIV se ocupa é a questão da imigração e dos imigrantes (estão localizados em um bairro com muita



concentração de imigrantes em Valencia e seus principais usuários são imigrantes latino-americanos, não-árabes). Hoje, a instituição tem cerca de 100 a 120 projetos, atingindo uma média anual de 15 mil pessoas, de mais de 60 nacionalidades. Estão entre as bandeiras desta instituição a interculturalidade, o diálogo inter-religioso e o empoderamento de coletivos juvenis e de mulheres muçulmanas. Também se ocupam da investigação da história de Al Andalus, por entenderem que o mundo Islâmico e o Ocidente têm um passado comum.

- **Teresa Cunha, do Projeto Alice**, explica que o Projeto Alice, a pesar de ser um projecto de pesquisa, financiado pelo Conselho Europeu de Investigação, tem a preocupação de fazer uma pesquisa cívica/cidadã e de constituir uma epistemologia que esteja na retaguarda das lutas, que possa alimentar, de forma solidária e comprometida, as lutas pela transformação social e pela emancipação. Teresa enfatiza que a luta pela emancipação é uma luta que se faz também dentro da academia, tendo em vista que a ciencia não é um conhecimento neutro. Menciona também a preocupação em se utilizar todas os canais de comunicação que se possa, dentro da academia e da sociedade, para que os conhecimentos (no âmbito de uma ecologia dos conhecimentos), nos mais variados níveis, estejam a serviço, de facto, da transformação social. Do Projeto Alice participaram também: Boaventura de Sousa Santos, Paula Meneses, José Manuel Mendes, Aline Mendonça, Bruno Sena Martins, Alice Cruz, Sara Araújo e Luciane Lucas dos Santos.

- **Sandew Hira, do International Institute for Scientific Research (IIRS)/Decolonial Network Holland**, começa sua fala dizendo que a Holanda, durante muito décadas, foi pensada como um paraíso, um lugar onde não houvesse racismo. Mas, há, na Holanda, cerca de 1100 organizações negras - entre associações, fundações e organizações religiosas. O conto de fadas do paraíso holandês chegou ao fim há dois ou três anos. Aparentemente, há uma faixa de

intelectuais negros na Holanda que chegaram ao ponto de não o aceitar mais. Segundo Sandew, as universidades e os media hegemónicos, entretanto, se abstêm da produção de conhecimento em favor das mentiras. O trabalho da Rede tem sido o de atacar estas mentiras, produzindo conhecimento novo e alternativo – destruindo a “autoridade branca” –, organizando conferências e aulas, produzindo livros e textos. Evidencia-se, neste momento, a necessidade de mudança no sistema de produção do conhecimento na Holanda.

- **Aida Quinatoa, Plataforma Afectados por las Hipotecas e Asociación de Ecuatorianos**, explica que, com a crise, veio a necessidade de luta contra a estafa hipotecária, causada pelos bancos europeus e norte-americanos e pelos governos. Segundo Aida, tornou-se necessário visibilizar a situação dos equatorianos em Espanha, já que as vítimas foram transformadas nos culpados da crise. De 800 mil equatorianos em 2008, restam apenas 400 mil em toda a Espanha. O trabalho da Plataforma, já há cinco anos, tem sido o de visibilizar, permanentemente, esta problemática e de promover uma articulação estratégica para a luta contra as hipotecas com os bancos. Através de oficinas, seminários e cursos, tem-se buscado mostrar que os equatorianos são as vítimas e não os culpados da crise. Muitas famílias estão sofrendo com estas hipotecas. Há suicídios e gente adoecendo em virtude do que se passou. A luta da Plataforma é para que os culpados assumam a responsabilidade e para que se faça justiça com as vítimas. A Plataforma e a Associação de Equatorianos em Espanha lutam para que tenha lugar a verdade, a justiça, a reparação e a não-repetição.

- **Kwame Nimako, Summer School on Black Europe**, começa sua fala buscando explicar o sentido de Europa Negra. E dá um exemplo relativamente a um amigo seu, Chris Mullard, que teria, em 1973, se envolvido num debate no UK - nesta época a discussão era sobre imigrantes – escrevendo, a seguir, um livro chamado “Black Britain”. O que Mullard, então, argumentava

era que as pessoas tinham entendido mal a mensagem, que não se estava a falar de imigrantes, já que essas pessoas negras eram, em 1º lugar, britânicas e, em 2º lugar, uma parte significativa delas era nascida no UK. Ou seja, a questão não era exatamente a imigração, mas, sim, raça e cidadania. Kwame refere que ao montar o “Center for Race and Ethnic Studies”, era comum se dizer que não havia racismo na Holanda. Entretanto, professores brancos eram contratados para lecionarem nos estudos étnicos e sobre imigração nas universidades holandesas. Assim estas pessoas faziam pesquisa sobre os chamados imigrantes, mas sem eles. Faziam carreira à custa dos negros. Os negros, por sua vez, não eram autorizados a fazer a pesquisa, enquanto os brancos podiam fazer pesquisa sobre os negros. Neste contexto, surge, em 2008, o Summer School on Black Europe, como alternativa aos estudos étnicos ministrados nas universidades. A cada ano, por duas semanas em junho, são recebidos estudantes de todas as partes do mundo (60% deles vindo dos Estados Unidos; os demais vindo da Europa). Deste modo, o Summer School on Black Europe se coloca numa luta anti-racista, que luta pela igualdade de oportunidades e por alternativas à educação e informação sobre raça e questões étnicas na Europa.

- **Julia Krabb, da Rede Descolonial Europeia**, mencionou, primeiramente, que estava presente como Projecto Alice, mas, também, como Rede Descolonial Europeia. Enfatizou, em sua fala, a luta da Rede relativamente ao racismo e à islamofobia. Sob sua responsabilidade, está a comunicação entre os diferentes movimentos por parte da Rede, assim como a elaboração de metodologias descoloniais de investigação, sobretudo em termos de princípios metodológicos, que sirvam não ao investigador, mas, sim, aos movimentos na relação com os investigadores.

- **Joanna James e Vanessa Thompson, do Uhuru Movement**, mencionam, para começar, que Uhuru significa liberdade em swahili. Explicam, também, que o Uhuru Movement é um

movimento internacionalista negro fundado no início década de 70 que luta pela auto-determinação, pela libertação e contra o capitalismo parasítico. Joanna explica que a instituição está relacionada a diferentes secções. Cada uma das secções aborda campos diferentes, tais como a politização da comunidade através de assuntos como o terrorismo policial e a agressão contra imigrantes. A reflexão sobre a educação colonial também aparece entre as pautas do movimento. Conforme explica Vanessa, a educação colonial implica que o que é ensinado às crianças na escola são formas de violência colonial (física ou psicologicamente) já que são inferiorizadas ou denegridas dentro do próprio sistema escolar colonial. Vanessa menciona que há várias estratégias em curso na instituição. A primeira – “Other Wars” –, tem por intenção quebrar o silêncio de guerras que não são vistas como tais (a guerra no Congo, por exemplo, que é uma guerra imperialista). O objetivo é criar um movimento anti-guerra que vai contra à percepção europeia de guerra. Há também, entre as estratégias, vários projectos ligados ao auto-desenvolvimento e à auto-educação (“sabemos que não é uma boa estratégia atacar o sistema escolar colonial sem ter uma alternativa”). O movimento tem criado, ainda, escolas que funcionam aos sábados e que ensinam, principalmente, a História Negra. Vanessa enfatiza, por fim, que uma das principais estratégias é a unificação, já que um dos principais problemas da população negra e africana é a interiorização das fronteiras coloniais. Entende-se que estas não são e nunca serão as fronteiras africanas, mas sim fronteiras que foram impostas pela Europa. Uma estratégia relacionada com esta conscientização é “Touch one, Touch all”, significando que, onde quer que se esteja, se fará campanhas internacionais para fazer circular a informação e para maior solidariedade.

- **Sánchez Gordillo, do Sindicato Andaluz de Trabalhadores**, enfatiza o quão dura é a vida no campo andaluz: 2% tem 50% da terra. O principal ponto do Sindicato, assim, é a luta pela terra – e não só; também pela água, pelo ar. A terra ocupa um lugar central na luta, já que é o que dá de comer à humanidade. A terra tem, segundo Gordillo, a função de ser produtora de

alimentos, sendo entendida como um empréstimo dos filhos – ou seja, tem-se que preservar a terra porque ela pertence às gerações futuras. Quando se fala em terra, se fala, aqui, também, em soberania alimentar. O Sindicato Andaluz está entre os co-fundadores da Via Campesina e entende que soberania alimentar é o direito de cada pessoa, de cada povo, de decidir acerca de sua própria política agrária. Ao defender que a natureza não pode ser possuída, o Sindicato Andaluz entende que se deve enveredar por uma soberania alimentar e por uma reforma agrária que garantam que os alimentos e os recursos naturais sejam da comunidade. Foi esta a luta do sindicato durante muitos anos e com centenas de ocupações (e repressão). A conquista concreta da terra se dá com Marinaleda, em que foram conseguidos 1200 ha de terra que pertenciam a um Duque. Gordillo também explica, acerca do Sindicato Andaluz de Trabalhadores, que no SAT nunca houve a intenção de dedicarem-se apenas ao desemprego, mas, sim, de defender a pessoa e a sua vida, mantendo-se a luta aberta em várias frentes - habitação, educação e qualquer conflito concreto por imposição do poder. Para Gordillo, a habitação deve ser vista como um direito e não como um negócio. O SAT ocupa terras, ocupa grandes superfícies pacificamente como instrumento de luta. Consideram que a utopia não deve ser um sonho inalcançável e que é preciso tornar possível o impossível. Participam também pelo SAT: **Javier García, Maria José Lera, Curro Moreno.**

- **Iris Urquidi, da Assembleia de Apoio a Bolívia,** diz que vive hoje em Madrid, trabalhando com a Assembléia. Refere, em sua fala, que há, hoje, riscos, infelizmente, para quem apoia ou é solidário com o povo boliviano dentro da Espanha. Entre os objectivos da Assembleia de Apoio a Bolívia, Iris ressalta alguns: visibilizar as conquistas que o governo boliviano está conseguindo, como a nacionalização das empresas; promover a investigação dos temas mais polémicos que vão ocorrendo em Bolívia (a exemplo do caso Tipnis) e, ainda, trabalhar com os coletivos bolivianos, informando as bases sociais dentro do território espanhol. Iris informa que a Assembleia de Apoio a Bolívia tem participado activamente de marchas de protesto, contra a

precarização da saúde, contra a privação da saúde pública (afetando os imigrantes bolivianos, que não têm papéis). A própria Assembleia tem feito marchas e também tem organizado actividades de formação para os que querem sensibilizar-se com o processo de apoio à Bolívia.

- **João Silva Jordão, da Revista Rubra**, esclarece que a Revista Rubra se trata, antes de mais, de um colectivo político. Se há algo que une a todos é a perspectiva revolucionária. O sistema económico, político e social está sempre na mentira. O colectivo tem, portanto, a função de veicular a verdade – e por isto conta com uma revista. Uma das especialidades do colectivo é estudar as relações laborais. O colectivo entende que é necessário rejeitar a igualdade que venha através da tolerância incondicional ou de negociações, sendo necessário, para que a igualdade realmente aconteça, o ataque direto ao governo. Há uma série de pontos políticos defendidos, a saber: anulação da dívida pública (em sua totalidade, já que ela é considerada fraudulenta e ilegal). O colectivo se propõe atacar um dos alicerces da escravatura tanto do ponto de vista nacional como internacional, que é a dívida – portanto, não pode concordar com a tendência de renegociação da dívida. O colectivo tenta também dinamizar a organização dos trabalhadores e também dos desempregados (entendidos também como trabalhadores, na condição de excluídos dos serviços que cumprem o seu papel dentro da economia).

- **Houria Bouteldja, do Parti des Indigènes de la République (PIR)**, conta que seus pais nasceram no contexto do império francês e que ela se considera, hoje, um sujeito colonial em França. Explica que o PIR é um partido político descolonial que assim se configura porque a França continua a comportar-se como um império colonial. Ao falar de sujeitos coloniais, Houria refere-se a pessoas que vêm da África, da Índia e muçulmanos e que vivem situação de racismo e opressão policial. Trata-se de um contingente de talvez milhões em França, que vivem nos subúrbios pobres, numa condição bastante particular que mistura racismo e

opressão social. De acordo com o PIR, é necessário lutar contra o racismo, mas não o racismo como uma luta anti-racista de cunho moral (em França, as organizações anti-racistas têm considerado esta uma questão moral, ou seja, um sentimento individual de uma pessoa para com outra pessoa). Racismo não é para o PIR apenas uma questão moral. Ao falar de racismo, estar-se-ia falando de um sistema, um sistema institucional, simbólico e económico contra o qual é preciso lutar de uma perspectiva política. O anti-racismo é fundamentalmente uma luta política. Neste sentido, conforme explica Houria, houve a decisão de organizarem-se em um partido político, entendendo que o que é preciso é uma mudança nas relações de poder em França. A esquerda francesa é fundamentalmente eurocêntrica. Assim, as pessoas envolvidas no PIR têm tentado por mais ou menos oito anos, elaborar um pensamento político próprio baseada na experiência e na história de luta. De acordo com Houria, se a esquerda actual se coloca numa perspectiva da classe trabalhadora e da sua história, o PIR deve adoptar o ponto de vista da história das lutas anticoloniais. É preciso lutar contra o racismo e não só falar da luta de classes. Houria enfatiza a dificuldade desta perspectiva em França, já que a esquerda francesa não considera que o racismo seja uma força central. É preciso portanto mudar a esquerda para que se possam estabelecer alianças.

- **Raquel Huertas, do Juventud sin Futuro**, explica que a organização consiste numa plataforma que nasceu meses antes de 15M, em abril de 2011. Entre os temas que tratam estão a precariedade laboral (já que os trabalhos encontrados são sempre precários ou temporários) e a questão da habitação. Desenvolvem, também, uma pequena ferramenta de assessoria de direitos para denúncias, situações abusivas contra os jovens e de estímulo ao cooperativismo. A Plataforma busca ajudar os jovens que não podem acessar moradia através da tomada dos espaços destinados à especulação, como é o caso do Pátio Maravilla. A plataforma vem das lutas universitárias e também faz parte do movimento de “tomar a faculdade” (o 15M tem tomado tudo: toma a casa, toma a praia, toma a montanha). Ocupa-se a faculdade com

assembléias contra a mercantilização educativa. Mas o Juventud Sin Futuro luta ainda por outras causas que envolvem os jovens, entendendo que é muito necessário gerar alternativas reais, criar ferramentas e alternativas para os jovens, que estão se vendo expulsos de seu país (existem muitos jovens que precisam fazer as malas todas as semanas porque não tem outra alternativa). Defende também que uma das grandes batalhas necessárias é pelo senso comum, como o fez perfeitamente a “Plataforma de Afectados Por las Hipotecas” ao defender que o direito à habitação tem que estar acima da propriedade privada e dos interesses dos bancos. Participou, também, pela Juventud Sin Futuro: **Miguel Bermejo**.

- **Teresa Rodrigues, do Sindicato USTEA – CI (Unión de Sindicatos de Trabajadoras y Trabajadores en Andalucía – Confederación Intersindical)**, explica que se trata de um sindicato de esquerda, assembleário, de teor político e de classe - um sindicato de docentes. A luta é, por um lado, pela defesa dos direitos dos trabalhadores, mas também pelo direito a uma educação pública, quando a educação passa por cortes em todos os países. Há também aqui uma perspectiva crítica em relação à educação em Espanha. Não só em termos económicos, mas também da qualidade, uma vez que a escola sempre foi uma ferramenta do sistema capitalista como forma de disciplinar os jovens. Outro ponto de reflexão é a crise profunda pela qual passa o sindicalismo, seja pela incapacidade de conseguirem vitórias e preservar os direitos adquiridos, seja pela forte desafeção sindical por os trabalhadores não reconhecerem os sindicatos como ferramenta básica de autodefesa. Ferramentas de inovação pedagógica são pensadas, inclusive para que os trabalhadores da escola possam desenvolver uma relação que seja libertária e crítica. O sindicato tenta, neste sentido, construir um movimento autónomo – com pais, mães, professores. Da mesma forma, professa um sindicalismo diferente que seja verdadeiramente assembleário. Teresa menciona, ainda, que o sindicato procura, de forma experimental, desenvolver com os professores uma luta pelos precários – jovens imigrantes e mulheres, trabalhadores das cantinas, do transporte escolar etc, que são subcontratados

através de empresas privadas.

- **João Falcão, do SOS Racismo**, explica que o SOS é uma associação que não tem presidente. Também não recebe subsídios. São eles quem elaboram seus próprios materiais. Todos os anos, há 12 ou 15 anos, a equipa vai para a Tocha fazer sua formação. O objetivo da instituição é atuar sobre o racismo e a xenofobia, mas estão atentos para a luta contra as discriminações de uma forma mais ampla. Já participaram, nestes 22 anos de existência, de 2200 debates em escolas, universidades, associações, seminários. A base do SOS são as escolas de formação. Trabalham, também, na denúncia da extrema direita, no apoio à legalização dos imigrantes, na luta pelos direitos políticos das pessoas, além de integrarem outros coletivos e lutas (Marcha LGBT, Marcha Mundial das Mulheres, luta contra os despejos nos bairros periféricos etc.). A lei da discriminação racial foi proposta pelo SOS Racismo. Falcão enfatiza que o SOS luta **com** os imigrantes, com a comunidade cigana e não **para** estas comunidades. O SOS entende que é a Europa quem fabrica os “imigrantes”, fazendo com que seja obrigatório que as pessoas saiam de seus países para virem trabalhar na Europa porque a Europa precisa dessa mão-de-obra. Neste sentido, seriam os imigrantes que estariam a fazer um favor à Europa, aos europeus, e não ao contrário.

- **Arzu Merali, da Islamic Human Rights Commission**, faz parte de um coletivo que trabalha com aconselhamento em Direitos Humanos. Este grupo de colegas se espalha em atividades diversas: uns fazem estudos sobre islamofobia no UK, outros trabalham com crimes de guerra na Bósnia; outros ainda trabalham com leis antiterroristas na Malásia ou direitos humanos na Nigéria. Este grupo diversificado de pessoas se juntou para partilhar experiências e recursos. O grupo, segundo Arzu, vê profundas conexões entre questões aparentemente diferentes como, por exemplo, entre crimes de ódio na Europa e alguém que sofre ataque de drone no

Paquistão. Trata-se, na verdade, de um sistema estrutural que prevalece no mundo. Embora o grosso do trabalho do grupo seja relativo ao racismo e à islamofobia, seus integrantes consideram importante projetar tudo isto como um problema estrutural de maior dimensão. O grupo se descreve como uma "organização investigativa de advocacia e campanha". Uma das partes importantes do trabalho é encorajar as pessoas a participarem, quebrando o medo de que algumas coisas sejam ditas (algumas, certamente, não podem mesmo ser ditas aos governos ou às autoridades). O trabalho de advocacia que é feito acontece nos bastidores. Na ICHR, lida-se com todo tipo de situação - desde prisioneiros do Uganda e de outros países incluindo o UK até casos escolares, como o de alguém que não pôde usar um lenço ou que foi excluído por ser negro. Outro aspecto importante do trabalho é que a organização reconhece a importância de se ouvir as pessoas nas suas aspirações e no seu entendimento, independente da concordância dos integrantes da Comissão. No caso específico de Arzu Merali, ela participa da parte de pesquisa da organização, que produz relatórios e briefings a serem apresentados a governos e organizações internacionais. Estes documentos, com estatísticas e recomendações, contém pesquisa e trabalho de campo, mas o factor chave, no trabalho, está em dar-se voz às pessoas com quem a organização fala. Os integrantes do colectivo vêm de diversos cenários nas comunidades islâmicas e falam muitas línguas diferentes. Apesar destas diferenças, há uma ideia fundamental para as escolas de pensamento islâmicas: a de que toda a gente, independentemente de quem seja, de como cresceu ou das escolhas que fez, tem um desejo de justiça inerente, entendida esta aspiração pela justiça como uma viagem de encontro ao divino porque o divino é justo.

- **Juan Carlos Monedero, do 15M**, integra um colectivo com muitos trabalhadores que busca romper o sentido comum existente em Espanha (sentido comum este que culpabiliza os imigrantes, dizendo que eles consomem todos os serviços públicos ou que tomam os trabalhos dos espanhóis). Este colectivo de professores luta contra o senso comum. Entre as atividades

desenvolvidas por este coletivo, Monedero destaca: 1) uma coleção de pequenos livros que se distribuem em bancas de revistas do tipo “o que temos que saber sobre”; 2) um periódico – La Marea – levado a cabo por uma cooperativa de trabalhadores jornalistas (e que se espera transformar em semanário político); 3) apoio técnico a uma das feiras fortes em Espanha; 4) um programa de debates que se chama “la tuerca” numa tv comunitária - atualmente, a referência para os debates críticos em Espanha; 5) missão de defender os governos progressistas da América Latina (em função dos ataques brutais a seus governos), sendo críticos com estes governos sempre que necessário; 6) apoio aos processos de recuperação da memória histórica em Espanha.

- **Ramón Grosfoguel, da Red Decolonial Europe**, começa sua fala identificando sua origem. Vem de Porto Rico, que foi colônia espanhola por 400 anos, além dos 114 anos de colonialismo com os Estados Unidos. Ramón trabalha no Departamento de Estudos Étnicos, na Universidade de Berkeley, que se constituiu a partir de greves de estudantes negros, latinos, asiáticos e indígenas norte-americanos. Ramón enfatiza que tem-se criado, com o tempo, um espaço de pensamento descolonial dentro de uma universidade branca americana. Em sua trajetória pessoal, passa a lidar com o movimento descolonial na Europa, decidindo organizar um encontro das organizações descoloniais européias em Madrid no ano passado para que os movimentos trabalhassem em conjunto. Este trabalho em conjunto, segundo ele, já começou. Muitos dos movimentos presentes nesta oficina da UPMS fazem parte desta Rede, que Ramón acompanha já há bastante tempo.

5. Terceiro Momento – A actuação dos movimentos: forças e fraquezas

Esse momento de inter-conhecimento cedeu passo a uma segunda sessão de trabalho colectivo, organizado entre quatro grupos. A formação destes grupos se deu de modo a reunir diferentes movimentos e experiências. A criação dos quatro grupos foi bastante simples: na roda de apresentação, um dos participantes iniciava a marcação, sendo identificado com o número 1 (grupo ao qual passava a pertencer). Sequencialmente, o participante do lado passava a integrar o grupo 2 e assim sucessivamente até o 4. Então recomeçavam as contagem de 1 a 4, até formarem-se quatro grupos completos com diferentes participantes (e, portanto, diferentes perspectivas).

Este critério foi interessante porque estimulou o interconhecimento entre movimentos que usualmente não conversavam, num exercício de tradução intercultural que permitiu identificar pontes dialógicas. Foi frequente, em cada grupo, não só mais clareza no entendimento das propostas de cada movimento, como ainda o reconhecimento de vários pontos comuns em lutas, por vezes, diferentes.

Ainda em relação à actividade, foram estabelecidas duas horas de reunião, seguida de uma plenária com, mais ou menos, o mesmo tempo de apresentação. Ao final da reunião de trabalho, cada grupo apresentou um cartaz com as forças e fraquezas reconhecidas, acentuando as conquistas, desafios, adversários e parcerias. Durante a plenária, os cartazes foram partilhados com o colectivo. Boaventura de Sousa Santos ressaltou, logo no início desta plenária, a possibilidade de que alguns pontos da discussão viessem a passar para a plenária do

dia seguinte, quando aconteceria a discussão das cartas. Neste sentido, houve tempo para amadurecer reflexões.

Sendo este um momento forte de um trabalho de tradução intra e inter-cultural, que se aplica tanto aos saberes, quanto às práticas, a actividade permitiu identificar possíveis convergências entre os diferentes movimentos sociais, em torno de uma discussão sobre as suas forças e fraquezas. Neste terceiro momento, a pergunta se as diferenças impedem ou não o trabalho colectivo foi crucial para o trabalho de tradução realizado pelos grupos.

A plasticidade da UPMS descortinou-se na apropriação pelos diferentes grupos da metodologia proposta. Assim, o segundo grupo introduziu a categoria “dúvidas” na sua discussão e o quarto grupo deu especial atenção às controvérsias que animaram o seu trabalho de tradução, democratizando a apresentação dos seus resultados com o recurso a três porta-vozes que elucidaram os diferentes lugares de enunciação em diálogo dentro do grupo. Pode-se notar que houve, por parte de cada grupo, um entendimento diferenciado acerca do modo como deviam conduzir a actividade. Os grupos 1 e 2 deram mais ênfase às fortalezas e debilidades comuns. O grupo 3 trabalhou de forma mista, iniciando as discussões internas com uma reflexão sobre as forças e fraquezas de cada movimento para só então buscar debilidades e fortalezas comuns. Ainda assim, os movimentos presentes neste grupo se puseram a pensar elementos comuns de luta e possíveis diálogos entre questões. O grupo 4 não apresentou consenso relativamente às forças e fragilidades comuns. Entretanto, como já foi dito acima, abriu espaço para a manifestação e comunicação das diferenças. Os diferentes porta-vozes aproveitaram o tempo para explicar e aprofundar suas perspectivas.

Depois de uma tarde intensa de diálogo dentro dos quatro grupos, o colectivo da oficina reuniu-se numa plenária na qual foram identificados como principais obstáculos à actuação dos movimentos sociais na Europa: a dificuldade de organização interna e de implementação de uma estratégia de comunicação das lutas ao público alargado; a repressão económica e política exercida tanto pelo imperialismo neoliberal, quanto pelos Estados; a ascensão da extrema-

direita; o difícil diálogo entre a esquerda política e o Islão; a carência de um código jurídico que descolonize os direitos humanos a par com instrumentos para o fazer cumprir; a carência de uma educação comunitária a cargo do povo; a dificuldade de levar a cabo acções directas revolucionárias.

Nessa mesma plenária, emergiram, igualmente, alternativas promovidas a partir de baixo nesta Europa controversa, demonstrando tanto as forças dos movimentos sociais, quanto a vitalidade de um pensamento contra-hegemónico que resiste à ideia de que não existem alternativas. Entre propostas já implementadas no espaço de actuação dos movimentos e utopias realizáveis, mas incluindo, ainda, estratégias de comunicação e de transformação política inovadoras como o testemunho, os quatro grupos de trabalho sinalizaram como principais forças dos movimentos sociais: novas formas de organização social, económica e política; novas formas de luta não violenta; a acção directa; propostas concretas realizáveis; uso da experiência pessoal para despertar a consciência pública; a ruptura com a concepção hegemónica de direito; o encontro entre diferentes tradições da luta social.

O primeiro grupo

O primeiro grupo iniciou sua fala mencionando a perspectiva que usou: trabalharam com uma mescla das cartas que escreveram aos europeus e a identificação das forças e fraquezas entre os movimentos. Apresentaram a síntese desta discussão em torno das fortalezas e das fraquezas, tendo por relatora **Julia Suarez-Krabbe**. Dentre as **fragilidades** consensuadas no grupo 1, mencionaram-se as seguintes²³:

- O sentido de urgência de algumas lutas no quotidiano, afectando o tempo da reflexão e da análise crítica (reatividade);

²³ Os cartazes dos grupos, contendo as forças e as fraquezas, estão transcritos neste relatório logo a seguir. Optamos, entretanto, por relatar aqui, de forma breve, as apresentações dos grupos no sentido de deixar mais claros alguns pontos mencionados nos cartazes e aos quais os grupos deram ênfase.

- A preocupação de que as lutas possam, por vezes, se converter em dogmas, dificultando a percepção das outras lutas;
- Os espaços de debates entre os movimentos e de divulgação das distintas lutas como pontos de fragilidade;
- A repressão política e económica sofrida pelos movimentos, podendo deixá-los em uma posição de maior fragilidade;
- A relação sempre ambígua com o Estado – de um lado, o Estado das políticas públicas; do outro, a percepção de que as instituições são partes da estrutura contra a qual se está a lutar;
- A suspensão dos direitos (os direitos não são para todos).

Dentre as **fortalezas**, o grupo 1 ressaltou:

- A percepção de que há uma outra Europa que não é a Europa hegemónica;
- A constância das lutas de alguns movimentos e a habilidade de alguns movimentos de estabelecer colaborações entre as diferentes lutas;
- O estabelecimento de redes e a possibilidade de articulação entre lutas;
- A possibilidade de converter a teoria em practica – “Viver como se fala e falar como se vive” –, acreditando numa utopia realizável;
- A capacidade de irreverência (assim como a participação em marchas e mobilizações).

Quadro 2 - O Terceiro Momento: A Actuação dos Movimentos - Grupo 1

(Alice Cruz, Iris Urquidi Rocha, José Falcão, João Jordão, Juan Manuel Sanchez Gordillo, Julia Suarez-Krabbe, Teresa Amal)

Forças	Fraquezas
Experiência e constância	Tempo - reactividade
Colaboração entre lutas	Organização e adesão
Novas formas de organização	Dogma
Converter teoria em prática	Debate e difusão
Novas formas de luta não violenta (marchas, mobilizações)	Repressão política e económica
Acção directa	Relação ambígua com o Estado
Capacidade de irreverência	Deslealdade com princípios
Desobediência	Direitos não são para todos
Utopia realizável	O que é a Europa - racismo
“Outra” Europa	
Propostas concretas realizáveis	

O segundo grupo

O segundo grupo, cuja relatora foi **Maria José Lera**, iniciou sua fala identificando as fragilidades comuns aos movimentos que se reuniram. Dentre os **pontos fracos**, foram apontados por este grupo:

- A falta de diálogo entre diferentes movimentos sociais, havendo lutas que nem todos apoiam;
- O conflito entre a esquerda e o Islão;
- Perspectivas políticas pouco claras tanto dos movimentos quanto do Estado;
- O incremento visível da direita extrema (fascismo);
- A falta de boas estratégias de comunicação, capazes de suscitar mais apoio da sociedade;
- A criminalização da resistência (quando a resistência é exitosa, o sistema converte esta resistência em agressão, sendo totalmente rechaçada, criminalizada). Relativamente a esta questão, foi dado o depoimento de Houria Bouteldja que, na luta contra o racismo em França, foi acusada de praticar racismo anti-branco por utilizar o neologismo “souschien” como crítica à noção de souche (raiz) - palavra que expressa a cidadania francesa e a partir da qual afirmam-se diversos mecanismos de exclusão e discriminação aos que não são franceses “de raiz”, os negros, os árabes etc.²⁴).

Entre os **pontos fortes**, foi destacado pelo grupo 2:

- O toque pessoal das cartas, com experiências pessoais relatadas, aumentando a credibilidade;

²⁴ Para saber mais, leia-se a carta do Partido dos Indígenas da República. UPMS Europa – Cartas aos Europeus, p. 179-190.



- A denúncia das formas de discriminação que existem (como, por exemplo, a islamofobia);
- A enunciação das experiências de êxito;
- As lutas políticas.

O grupo 2 introduziu um elemento novo nesta actividade, suscitando relevantes perguntas, como se pode ver no quadro abaixo:

Quadro 3 - O Terceiro Momento: A Actuação dos Movimentos - Grupo 2

(Abdelaziz Hammaoui, Houria Bouteldja, Maria José Lera, Raquel Huertas)

Forças	Fraquezas	Dúvidas
Toque pessoal	Falta de diálogo entre diferentes movimentos sociais	Pode a experiência de Marinaleda ser exportada para fora da Andaluzia?
Informação	Esquerda e Islão	Podemos reconciliar a agenda das vítimas da crise com a agenda para descolonizar a Europa?
Denúncia de diferentes formas de discriminação	Perspectiva política pouco clara	Podemos esperar alguma coisa da Europa?
Esperança inspiradora	Aumento da extrema-direita	
Luta política	Estratégia de comunicação	
Uso da experiência pessoal para despertar a consciência pública	A resistência é enquadrada como opressão (racismo anti-branco)	
Guerra de palavras		

O terceiro grupo

O terceiro grupo iniciou sua fala identificando o papel das cartas aos europeus na discussão e na reflexão das forças e fraquezas de cada movimento. Embora algumas forças e fraquezas mencionadas sejam comuns, elas foram mais fortemente associadas, durante a apresentação, a um ou outro movimento. O grupo 3, cujo relator foi **Javier García Fernández**, apontou as seguintes **forças**:

- A existência de uma ação política concreta²⁵;
- A força que advém de não ter medo de mostrar sua mensagem, suas políticas, ganhando o respeito das pessoas²⁶;
- A presença de uma cosmovisão – de um modo de pensar a vida e a sociedade –, permitindo pensar alternativas de maneira mais sólida;
- A capacidade de diálogo com outras correntes do feminismo (às vezes mais reformistas, às vezes menos reformistas)²⁷;
- Solidariedade entre o movimento feminista tanto a nível nacional como europeu;
- A capacidade de aglutinar muitas pessoas diferentes, inclusive as que não eram politizadas;²⁸ a capacidade de aglutinar diferentes tradições de luta social, trazendo de volta o assemblearismo, a democracia direta etc.

²⁵ Referência ao Sindicato Andaluz de Trabajadores.

²⁶ Referência à Comissão Islâmica dos Direitos Humanos.

²⁷ Referência à UMAR.

²⁸ Referência a Juventud Sin Futuro e ao 15M.

- Ruptura com a concepção hegemónica de direito ligada ao trabalho²⁹, aglutinando os desempregados, os jovens desempregados e os estudantes que não se tinham mobilizado antes.

Foram mencionadas, também, as seguintes **fraquezas**:

- A carência de um código jurídico descolonial próprio, assim como de uma concepção própria de direitos humanos; do mesmo modo, a falta de uma força política que faça com que se cumpra este código jurídico;

- A carência de uma educação comunitária que esteja nas mãos do povo;

- A repressão por parte das forças do imperialismo;

- As perspectivas da esquerda branca e eurocêntrica, que não reconhece muitas das lutas (foi lembrado por Javier que a linha esquerda dos anos 70 negava o direito nacional aos povos colonizados e ainda hoje, por vezes, não reconhece a luta desenvolvida na Andaluzia);

- A retomada da repressão diante da força do movimento; por sua vez, o medo natural que a população tem à repressão³⁰ dificulta que o movimento tome corpo nas ruas (que haja mobilização nas ruas);

- A perda da energia, colocada na defesa das conquistas, e que termina por comprometer a energia e o tempo necessários para a construção de soluções alternativas;

- A dificuldade de trabalhar com o feminismo branco³¹ e eurocêntrico na hora de tecer alianças ou políticas comuns;

²⁹ Referência ao 15M.

³⁰ Referência à repressão sofrida pela Comissão Islâmica de Direitos Humanos.

- A dificuldade de acções mais revolucionárias (em um Portugal mais reformista)³² como efeito colateral da capacidade de aglutinação;
- A dificuldade de definir prioridades dentro do movimento;
- A dificuldade de tomar decisões coletivas (no assemblearismo e na democracia direta);³³
- A falta de um sentido coletivo, de um berço comum, que dê um sentido à transformação política.
- Como conclusão, chega-se à percepção da dificuldade para a comunicação e a construção coletiva entre os sujeitos que estão acima e os que estão abaixo da linha abissal (entendido, aqui, que os que estão acima são aqueles que dispõem de uma representação e de visibilidade dentro do sistema político e os que estão abaixo são aqueles que lutam por visibilizar-se).

OBS.: Ramón fez um adendo, ao final da apresentação, lembrando do **conceito proposto por Arzu Merali de direito humano alternativo, baseado no conceito corânico de ser social**. Ser Social surge como uma alternativa para pensar o direito humano como se conhece usualmente. No conceito de ser social, se reconhece o direito coletivo que em geral se perde no conceito de direito humano. A cosmovisão alternativa, neste caso, surge como uma possibilidade de pensar uma “alternativa à alternativa”.

³¹ Referência a uma fala de Arzu Merali, da Comissão Islâmica de Direitos Humanos.

³² Referência a uma dificuldade reconhecida no âmbito da luta da UMAR.

³³ Referência ao 15M e à Juventud Sin Futuro.

Quadro 4 - O Terceiro Momento: A Actuação dos Movimentos - Grupo 3

(Aline Mendonça, Ana Paula Mateus, Arzu Merali, Javier García Fernández, José Manuel Mendes, Luciane Lucas, Miguel Bermejo, Ramon Grosfoguel)

Forças	Fraquezas
Acção política concreta	Carência de um código jurídico e de direitos humanos descolonial e da força para fazê-los cumprir
Não ter medo	Carência de uma educação comunitária nas mãos do povo
Ter uma cosmovisão própria permite pensar alternativas	Repressão pelo imperialismo
Capacidade de diálogo com outras correntes do feminismo nacional	Dificuldade de trabalhar com a esquerda branca eurocêntrica
Solidariedade	Medo das populações devido aos meios de comunicação e à repressão do Estado
Capacidade de aglutinar mulheres e pessoas	Dificuldade de desenvolver um movimento de massas
Aglutinar diferentes tradições de luta social	Perda de energia na defesa das conquistas não permite dedicar essa energia a construir alternativas – problemas com o feminismo branco eurocêntrico
Ruptura com a concepção hegemónica de direito	Dificuldade de acções directas revolucionárias
	Dificuldade para definir prioridades
	Dificuldade com a toma de decisões
	Falta de cosmovisão própria
	Grave dificuldade para a comunicação e construção colectiva entre os sujeitos acima e

abaixo da linha abissal

Pluralismo radical para a dignidade dos povos

O quarto grupo

O grupo 4, cuja relatoria inicial coube a **Juan Carlos Monedero**, começou sua fala explicando a dificuldade de obtenção de consenso. Diferentes questões foram discutidas no grupo. Durante o debate acerca do modo como o capitalismo afetava os problemas estruturais do racismo e do sexismo, manifestaram-se diferentes leituras no interior do grupo. Foi consensuada, então, a escolha de três porta-vozes – Juan Carlos Monedero, Aida Quinatoa e Kwame Nimako –, no sentido do compartilhamento em plenária dos diferentes pontos de vista, enriquecendo, assim, o debate. Seguem, abaixo, as ideias principais mencionadas por cada porta-voz:

Juan Carlos Monedero

Partindo da questão colocada pelo primeiro grupo acerca da existência de uma Outra Europa, Monedero enfatiza a importância da tradução entre aqueles que estão usualmente em desvantagem na relação de forças (“se 1% tiene mais fuerza que 99% es porque 99% no se esta traduciendo entre ellos e ellas”). A pergunta levantada por Monedero é, portanto, a seguinte: como fazer para que entendamos as lutas dos demais e possamos torná-las nossas?

Monedero parte da perspectiva de que não é necessário ser negro, mulher, precário ou trabalhador para falar dos interesses destes sectores. Não é preciso ser de um destes sectores para defender o que seriam os seus interesses. Parte do pressuposto de que o racismo e o sexismo são estruturais ao sistema capitalista, não sendo possível, entretanto, construir uma teoria geral das relações entre o capitalismo, o sexismo e o racismo, já que a situação se mostra de diferentes formas em diferentes partes do mundo. O modo como se vão resolver os

conflitos é quem determina o lugar dos conflitos em cada sociedade (de modo que o conflito não se resolverá da mesma forma em todo o lado).

Nesta perspectiva, a crise do sistema capitalista abriria uma janela de oportunidade para a tradução (por exemplo, entre brancos europeus pobres condenados pelo sistema capitalista e imigrantes que perderam suas casas). Ou seja, abriria uma oportunidade para se entender os problemas do racismo e do sexismo que não se podiam entender em outros momentos. Da crise do capitalismo, surgiriam, então, duas possibilidades: a do fascismo e a de uma nova solidariedade entre os de baixo, que agora poderiam traduzir-se, dando origem a novas resistências.

Aida Quinatoa

Aida Quinatoa apresentou dados sobre como a Plataforma dos Afectados por las Hipotecas tem conseguido, a partir da força social dos “de baixo”, lidar com a situação da estafa hipotecária em Espanha e seus efeitos sobre os imigrantes equatorianos. Segundo Aida, o movimento tem conseguido conquistas importantes: de alugueis sociais à condenação da dívida.

A Plataforma surge em 2009, quando as pessoas começam a ser expulsas de suas casas. No ano de 2008, saem às ruas com uma manifestação. Apresentavam uma carta com os quatro pontos principais: condenação de embargo de carácter retroativo, condenação da dívida, alugueis sociais e um parque de aluguel social. Um dado a considerar é que há, hoje, cerca de 6 milhões e 500 mil apartamentos vazios nas mãos dos bancos.

O movimento tem conseguido ingressar na iniciativa legislativa popular no Congresso. O PP disse que não ia admitir a entrada e o encaminhamento dos documentos ao Congresso. Com a ajuda do 15M, entretanto, os equatorianos da Plataforma conseguiram 1500 assinaturas, o que lhes permitiu encaminhar suas questões ao Congresso dos Deputados. A fala de Aida vem,

então, reforçar a ideia de que a mobilização dos “de baixo” não só é possível, mas gera resultados concretos. A Plataforma dos Afectados por las Hipotecas espera contar, agora, com a solidariedade de outros países e de companheiros para pressionar o governo espanhol de modo a que aprove esta iniciativa, envolvendo pontos como habitação social, condenação da dívida e parque público de apartamentos que estão abandonados (de modo que isto se reverta em benefício de mais de 570 mil pessoas que estão hoje na rua).

Kwame Nimako

Partindo da questão racial, Kwame Nimako propõe que a raça foi e continua a ser um elemento determinante na política e na economia mundiais. Começa por evocar a relevância deste debate da raça, partindo do depoimento de Houria, que evidenciou como as questões raciais podem ser invertidas.

Segundo Kwame, existe uma divisão internacional do trabalho, construída historicamente, e que conta com um elemento geográfico e outro de produção. O primeiro elemento diz respeito ao modo como o mundo se interliga em termos de produção. O segundo tem a ver com o modo através do qual a produção é organizada. Nestes termos, importa considerar, na perspectiva de Kwame, que a raça se constitui como o princípio organizativo da escratura, sendo a escravatura fundamental para o capital nos últimos 400 anos. A raça, deste modo, não só tem sido importante para a política e a economia mundiais, como é parte constitutiva delas. Não seria, assim, o capital a estruturar o racismo, mas a raça a estruturar o capital.

Como resultado, surgiram três tipos de luta: a das classes trabalhadoras, a das lutas de género e as lutas raciais. A questão da raça, nesta perspectiva, aponta sempre para um silenciamento histórico da população negra. Assim, os movimentos da classe trabalhadora ocidental, ao se organizarem, não incluíam a população escrava em seus apelos. Ao se



dirigirem aos trabalhadores para que se unissem, a população escrava não era considerada. O mesmo aconteceu nas lutas de gênero. Enquanto as mulheres brancas lutavam pelo direito de voto, ainda sob a vigência da escravatura, as mulheres negras não eram lembradas neste direito. Do mesmo modo, enquanto as meninas brancas iam para a escola, as meninas negras iam para a plantação. Conforme argumenta Kwame, a questão de gênero na perspectiva das mulheres brancas não é aplicável às mulheres negras, que têm uma atitude e uma perspectiva de análise diferentes.

Quadro 5 - O Terceiro Momento: A Actuação dos Movimentos - Grupo 4

(Aída Quinatoa, Boaventura de Sousa Santos, Bruno Sena Martins, Curro Moreno, Joanna James, Juan Carlos Monedero, Kwame Nimako, Maria Paula Meneses, María Teresa Rodríguez-Rubio Vázquez, Sandew Hira, Vanessa Thompson)

Contexto	Questões	conrovérsia	Forças	Fraquezas
Periferia, semiperiferia	Os mesmos inimigos: Sumar para encontrar soluções: qual categoria? / Assinalar as diferenças para união	Dois encontros: classe, racismo	Reconhecemos que há muitas lutas	Gentrificação Distintas possibilidades de organização da luta Dinâmica raça e classe complexificou-se
Diferentes europas	Diferentes europas, territórios	Si volvemos a perguntas: o que é o branco? O que é o negro?	Luta pelas coisas que sentes	Questão da habitação afecta as minorias
Sindicatos incorporam questão colonial	Diferentes racismo	Regressamos ao começo	Respeitar as outras lutas	Questão da habitação afecta as minorias
Questão da terra (europa, america, asia, africa)	Diferentes anti-racismos	Se há lutas diferentes, voltamos ao racismo		
Interseccionalidade	E vamos avançando	SAT: a classe integra o conflito racial e o género		

Antes do término desta plenária, o representante dos Precários Inflexíveis chegou à oficina e se apresentou. João Camargo explicou que o movimento “Precários Inflexíveis” iniciou em 2007, procurando, sempre que possível, fazer alianças com outros movimentos sociais. A organização partiu da ideia de criar uma identidade, tendo em vista que existia um vazio político acerca do trabalho e da trabalhadora que são precários. Houve a tentativa de ocupar este vazio a partir de uma identidade internacionalista, feminista e anti-racista. Há um ano, os Precários Inflexíveis deixaram de ser um movimento informal, constituindo-se como uma associação formal. O órgão principal desta associação é a assembleia de activistas que ocorre a cada duas semanas. Dentre as iniciativas formais, uma que se destaca é a colecta de 40 mil assinaturas e a proposição de uma legislação à Assembleia da República contra as três formas mais importantes de trabalho precário em Portugal: os contratos a prazo, o trabalho temporário e o falso trabalho independente.

Ao final da apresentação do grupo 4, José Manuel Mendes propôs uma breve reflexão sobre as apresentações dos grupos. José Manuel observou que, no caso europeu, não se pode pôr de lado duas instituições muito fortes – a União Europeia e os próprios Estados (sendo um mito a ideia de que os Estados já não interessam). Ao falar de hipotecas ou fronteiras – elementos evocados durante as apresentações –, os Estados (re)aparecem com suas políticas. A questão suscita refletir também sobre a repressão (do Estado) e a cooptação dos meios de comunicação e dos líderes de opinião a partir de duas formas: a criminalização ou a desvalorização. José Manoel levanta, então, algumas perguntas para reflexão a partir das apresentações dos grupos:

- Como criar plataformas comuns?
- Tendo em vista a personalização das cartas (e o facto de que os nomes conferem um rosto às lutas), como fazer uma mescla entre a mobilização de massa e a personalização das lutas?



A sessão foi encerrada após este convite à reflexão proposto por José Manuel Mendes, ficando para o dia seguinte a discussão das cartas e das principais ideias levantadas pelas apresentações dos diferentes grupos.

6. Quarto Momento – “As Cartas aos Europeus”

6. 1. Os lugares de enunciação

No segundo dia de trabalhos, a sessão realizada em plenária durante a manhã, ocupou-se do mote desta oficina: as “Cartas aos Europeus”.

Neste quarto momento, o diálogo entre os diversos participantes, por um lado, ancorou-se na exposição das ideias contidas em cada carta redigida pelos diferentes movimentos e, por outro lado, abriu-se a uma interpelação dessas mesmas cartas pelo colectivo, gerando uma troca detalhada entre saberes distintos. Com efeito, durante esse diálogo, diferentes lugares de enunciação de experiências, saberes e lutas exploraram com uma profundidade inédita, dada a honestidade radical do debate, os limites de cada conhecimento situado presente na sala.

Pode-se, assim, afirmar que os movimentos presentes principiaram por desenvolver uma sociologia crítica das ausências aplicada a cada um dos movimentos para, em seguida, construir uma sociologia das emergências a partir do processo *in situ* de inter-conhecimento entre si.

Aqui, registrar-se-á, em primeiro lugar, os diferentes lugares de enunciação presentes neste quarto momento (seguindo a mesma ordem alfabética de apresentação dos movimentos empregue no início deste relatório) e, em segundo lugar, sumariar-se-á a discussão levada a cabo pelos movimentos e organizações participantes nesta oficina da UPMS.

Assembleia de Apoyo a Bolívia

Iris Urquidi Rocha expôs o processo constituinte boliviano que constituiu, com a nova Constituição promulgada em 2009, a Bolívia como um Estado Plurinacional, fundamentado na pluralidade de todas as ordens, com reconhecimento de autogoverno, domínio ancestral e justiça indígena nos seus territórios, estabelecendo um paralelo entre a crise financeira europeia actual e a crise vivida décadas atrás nos países da América Latina que radicam ambas num modelo colonialista de governação neoliberal plasmado na dívida dos países a instituições de crédito e na perda da sua soberania. Neste sentido, Iris enfatizou a necessidade de um olhar crítico para o capitalismo, que destrói vidas e recursos naturais. Outro facto a considerar, relativamente ao capitalismo, seria sua relação intrínseca com o patriarcado e o machismo, a exemplo das inúmeras mulheres mortas em Honduras e outros países. A questão do colonialismo também foi mencionada, abarcando, também, segundo Iris, o racismo e a islamofobia. Relativamente ao colonialismo, Iris assinala a profundidade do problema: “el colonialismo todavía esta en nuestras cabezas; tenemos pensamientos colonialistas (...) tanto dos que colonizan como dos que han sido colonizados (...) que no dejamos de lado muchas cosas porque todavía estamos metidos en el colonialismo”.

International Institute for Scientific Research (IIRS)/Decolonial Network Holland

Sandew Hira, dirigindo-se aos europeus como “Caros John e Mary”, desenvolveu uma crítica à relação colonialista entre epistemologia, política e identidade, defendendo a proximidade entre a identidade europeia e a história do colonialismo sob o “iluminismo branco”. Para Sandew Hira, as diferenças entre a crise financeira e a banca islâmica que proíbe a especulação demonstra a incapacidade da Europa em aprender com o resto do mundo, apelando à descolonização da mente.

Centro Cultural Islâmico de Valência (CCIV)

Abdelaziz Hammaoui falou da Europa como uma miragem de direitos humanos, diversidade, liberdade e igualdade que não se confirma e que se perdem hoje para a extrema-direita. Criticando a ausência de direitos políticos, mas também civis por parte dos imigrantes, denunciou a islamofobia e uma discriminação estrutural que é simultaneamente simbólica e física. A sua mensagem para os Europeus seria que esse Outro historicamente excluído foi sempre parte do Mesmo, como mostra a história do Al Andalus. Abdelaziz também questionou o problema da esquerda com a fé e os impactos desta posição do ponto de vista dos direitos humanos, ou seja, da liberdade de consciência e religiosa, que são direitos fundamentais de uma pessoa (“puedo eu pensar que tus convicciones religiosas son, entre comillas, una estupidez, pero, aun así, debo de defender tu derecho y tu libertad a creer en lo que tu quieras”). Sendo indivisível a luta pelos direitos humanos, não se poderia defender uns direitos e outros não. Neste sentido, Abdelaziz enfatizou, em sua fala, que a adesão à luta contra a islamofobia não implica o acordo absoluto com a perspectiva religiosa islâmica. Partindo de sua própria reflexão e das falas de outros companheiros presentes, reforçou a importância da inclusão da luta contra a islamofobia na agenda dos movimentos sociais presentes na UPMS Leiria, ressaltando que esta defesa não implica, em absoluto, o acordo com tudo o que diz o Islã, mas, antes, resulta do compromisso com a luta pelos direitos humanos.

Associação de combate à precariedade - precários inflexíveis

João Camargo defendeu que apesar da ideia de classe que sobrepõe à nacionalidade, gênero ou cultura, sendo a “igualdade no desempoderamento”, não deveria existir uma hierarquização entre diferentes lutas sociais, inclusive porque a governação neoliberal vem progressivamente a esboroar as fronteiras históricas entre diferentes sujeitos de lutas.

Decoloniality Europe

Ramon Grosfoguel e Julia Suarez-Krabbe vieram posteriormente a redigir uma “Carta à Esquerda Europeia Branca” na qual especificam que por "esquerda branca" não referem a uma "cor da pele", mas a uma perspectiva epistemológica que vem de uma posição de "superioridade" hierarquias de poder baseadas na raça / etnia. Afirmando que aqueles que vivem na “zona do não-ser” são uma maioria global, denunciaram a divisão global racial entre aqueles que vivem o privilégio racial (ainda que oprimidos) e os que são vítimas do privilégio racial dos primeiros. Chamando a esta divisão de Racismo, defenderam que a mesma persiste sendo uma lógica estruturante das hierarquias de poder das civilizações e que as teorias críticas da Esquerda Branca estão baseadas nas experiências socio-históricas dos Outros oprimidos na “zona do ser”. argumentando que as lutas contra o capitalismo, o imperialismo e o patriarcado carecem de uma aliança política forte com pessoas não-brancas dos territórios europeus.

Durante suas falas na reflexão sobre as “cartas aos europeus”, Ramón Grosfoguel enfatizou a importância do conceito de linha abissal (de Boaventura de Sousa Santos) no entendimento das diferenças históricas que ainda perpassam as lutas no momento em que elas se encontram. Também acentuou que a opressão de classe se agrava com a opressão racial. Julia Krabbe, por sua vez, insistiu no cuidado na evocação da horizontalidade, ao se falar do diálogo entre diferentes lutas, tendo em vista que as relações hierárquicas pré-existentes - e instaladas a partir de relações históricas - não desaparecem de forma automática.

Islamic Human Rights Commission

Arzu Merali expôs o conteúdo da carta intitulada “Para Talha, Tony e Teresa, sobre a Tirania dos Valores Europeus” que, fazendo uso das palavras do colonizador como arma do colonizado, desferiu uma crítica ao conceito e modelo eurocêntrico e masculino de direitos humanos que se

encontra, na sua aceção, esgotado, especificando essa crítica nos seguintes tópicos: uso dos direitos humanos e das ideias eurocêntricas de liberdade e secularismo como armas para a desumanização do Outro; aplicação heterógena dos direitos humanos; hierarquização entre direitos humanos de primeira e segunda geração que justifica a hierarquia entre Humanos/Sub-humanos/Não humanos. Em torno, a Islamic Human Rights Commission propõe desafiar os direitos humanos através do reconhecimento das consequências colectivas dos actos individuais.

Juventud Sin Futuro

Raquel Huertas e Miguel Bermejo denunciaram o projecto neoliberal na Europa, afirmando que se assiste hoje não a uma crise, mas a um esgotamento desse projecto. Afirmando que os jovens europeus se encontram hoje entre a precariedade e o exílio, consideraram a Europa como um conjunto de expectativas defraudadas no campo da democracia e dos direitos, com a mercantilização da democracia, o acesso débil a direitos sociais e económicos como a saúde e a habitação, o esgotamento do sindicalismo clássico e a existência de um mercado de trabalho hiperindividualizado, que apelam a novos consensos e a uma democracia participativa com uso de democracia directa, bem como a uma assembleia constituinte europeia.

Parti des Indigènes de la Republique (PIR)

Houria Bouteldja a partir da carta “«Racismo antibranco»: tal como o fez Frantz Fanon, franceses e europeus devem recusar esta arma da contrarrevolução colonial” identificou o seu lugar de enunciação, para a partir dele falar sobre raça, racismo e racismo antibranco. Abordando a ideia de raça como uma construção histórica que legitima tanto o privilégio, quanto a discriminação, considerou-a, igualmente, passível de ser apropriada na denúncia de ambos. Considerando o racismo como um modo de dominação, defendeu que o racismo contra o opressor resulta da relação de dominação, mas não produz discriminação e exclusão por estar

dentro da ideologia dominante, sendo que, finalmente, o racismo antibranco seria produto do próprio sistema racista. Neste sentido, apelou a uma alternativa social igualitária. Durante sua fala, Houria também levantou a questão da ausência dos pobres, negros e islâmicos em algumas lutas que tem tido lugar na França, relacionando esta falta de identificação e solidariedade com o facto de estas pessoas terem sido (e continuarem a ser) permanentemente negligenciadas em suas lutas. Assim, seria relevante perguntarmo-nos porque os negros e os islâmicos nunca se unem a algumas lutas, bem como indagarmo-nos “por quanto tempo estas pessoas viveram sendo ignoradas na pobreza” a que foram relegadas, sendo o estado de crise que vive hoje a Europa o estado normal vivido por estas pessoas nos subúrbios franceses.

Plataforma Afectados por las Hipotecas e Coordinación Nacional de Ecuatorianos en España

Aída Quinatoa dirigiu uma forte crítica, com uso de testemunhos de vidas destruídas à especulação bancária que conduziu a que na Europa se vivesse um contexto semelhante àquele que no passado levaram populações do Sul Global a imigrar. Focando no caso do esgotamento, como também chama á crise financeira, que levou ao sério problema das hipotecas em Espanha, mostrou como, a partir de baixo, são construídas alternativas como os colectivos e plataformas de apoio com acções alegais e ilegais que o seu movimento vem formando. Neste sentido, referencia que muitos imigrantes estão buscando se unir a esta outra Europa, a estes outros companheiros de luta que, algumas vezes, os tem acompanhado no caminho. Lembra, entretanto, que há, também, muitos imigrantes que não estão especificamente na luta dedicando-se à “luta social-política” que os afecta. Por fim, Aida enfatiza que a situação vivida pelos equatorianos imigrantes se agrava, havendo casos, nunca trazidos à tona pelos media, de crianças imigrantes que são apanhadas e maltratadas em Espanha. A questão das hipotecas tem sido, em sua opinião, o que tem unido a todos por representar uma dívida para toda a vida, a perda da casa e a perseguição até o país de origem (com a retirada de tudo o que as pessoas têm como pagamento da dívida, inclusive pequenas parcelas no país).

Revista Rubra

João Jordão falou, a partir da carta o «Grande Dia» A Europa numa encruzilhada histórica: o desafio de transformar a crise económica periférica numa crise política europeia, no desafio de transformar a crise económica europeia numa crise política, originadas pelo conflito entre capital e trabalho. Reconhecendo o sentimento antipolítico e descrença no Estado por parte de uma mobilização popular emergente de cariz não sindicalista mas informal, dirigiu uma crítica à perda de direitos (sociais) pela classe trabalhadora, à dívida externa e à governação neoliberal, apelando à reinvenção de mecanismos de solidariedade entre os trabalhadores como aquelas que estiveram na base da criação do Estado de bem-estar e de uma reinvenção da sociedade baseada na cooperação.

Com relação à carta escrita coletivamente e às alterações possíveis, João Jordão considerou - depois dos diálogos havidos na UPMS - que modificaria, em uma revisão futura, a parte da carta que refere “a questão chave da sociedade europeia” (página 217, em inglês). Presenciando os debates e as questões apontadas pelos pares – e resultando de um franco exercício de tradução intercultural na UPMS –, João Jordão propôs sugerir, a quem de facto escreveu a carta, a mudança ou mesmo a retirada desta passagem, de modo a que o movimento não fosse conivente com uma hierarquia entre lutas (“para não começar com uma frase que, logo à partida, diz que a nossa prioridade é a prioridade maior”).

Sindicato Andaluz de Trabajadores/as (SAT)

Juan Manuel Sanchez Gordillo, Maria José Lera, Curro Moreno e Javier García Fernández desde a Andaluzia, como anuncia na carta do Sindicato Andaluz de Trabajadores/as/, dirigiram uma forte crítica tanto ao modelo capitalista neoliberal que atravessa os vários processos de exclusão a que se dirigem lutas sociais diversificadas, quanto ao aparato estatal e supraestatal

de uma oligarquia responsável pela manutenção da falta de acesso do povo à democracia e aos recursos naturais dos seu território. Questionando a identidade cultural europeia, acentuando a proximidade da Andaluzia com o norte de África, apresentaram o caso de Marinaleda como resistência e produção de alternativa à alienação do colonialismo que sustentou o projecto europeu do Estado social e do direito.

SOS Racismo

José Falcão questionou a identidade europeia, dirigindo uma forte crítica à Europa como uma fortaleza política, económica, cultural e geográfica e denunciando o eurocentrismo, o colonialismo e o racismo como sendo constitutivos da Europa e dos europeus de forma acrítica. Falando do “corpo estranho” de 20 milhões de cidadãos de países terceiros, das leis de excepção, do secularismo, da memória como instrumento de legitimação do racismo, islamofobia/ciganofobia/negrofobia, denunciou o racismo institucionalizado, defendendo direitos políticos para os imigrantes, a criminalização do racismo e a descolonização da ciência e da educação.

Summer School on Black Europe

Relativamente à carta que se propôs escrever, Kwame compartilhou a temática que gostaria de abordar: “Race, Citizenship and Claims”. Com a carta “Deixem a cidadania florescer”, Kwame desenvolveu uma reflexão em torno de noções de reivindicação das noções de reivindicação de direitos, cidadania e "raça". Perguntando se fôssemos escrever uma carta para os europeus, para quem estaremos estaríamos a falar? Europa geográfica? Europa Religiosa? Europa Política ao nível da União Europeia? Ou a Europa racializada? Foi, então, ao seguinte ponto: existem cidadãos europeus cuja genealogia está localizada fora da localização geográfica a que chamamos Europa. Esses carregam o fardo da história do não-reconhecimento. Enquanto a

cidadania garante direitos iguais em relação à nacionalidade no interior do Estado, o nativismo torna-se numa tentativa consciente ou inconsciente por grupos e indivíduos considerados europeus nativos para substituir os direitos evidentes de cidadania por direitos não evidentes decorrentes da história e da cor da pele. Assim, o nativismo tona-se a tentativa estrutural e ideológica por parte de indivíduos e / ou grupos para impor a subordinação.

UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta

Ana Paula Mateus a partir da “Carta às europeias e aos europeus” da UMAR -União de Mulheres Alternativa e Resposta trouxe as ideias que o projeto neoliberal se baseia numa complexa rede de instituições e práticas que reproduzem determinadas relações sociais e que exige respostas alternativas que fomentem a autonomia das mulheres através da auto-gestão dos seus próprios corpos e da criação de espaços de intervenção transformação social que renovem as relações sociais turvadas pelo projecto neoliberal.

Sindicato USTEA – CI (Unión de Sindicatos de Trabajadoras y Trabajadores en Andalucía – Confederación Intersindical)/Marea Verde

María Teresa Rodríguez-Rubio Vázquez apelou ao sonho de um outro mundo possível na vida como terreno da política, dirigindo-se aos Europeus que sonharam uma Europa diferente que democratize a democracia e desperte do capitalismo: O Sul no Norte. Afirmando o seu lugar de enunciação como um cosmopolitismo subalterno de movimentos de camponeses e indígenas, dirigiu uma crítica à ocupação da terra por uma elite feudal, aos resgates e perda de soberania dos Estados e às raízes colonialistas do pensamento eurocêntrico e do capitalismo, reivindicando uma reforma agrária para uma outra produção não capitalista com raíz no local.

Uhuru Movement

Vanessa Thompson e Joanna James, com base na sua carta “Chamada para se juntarem em solidariedade com comunidades colonizadas e para quebrar com o colonialismo!”, expuseram a relação colonial como impossibilidade de reciprocidade no cerne da identidade e história europeias e como estando fundada num sistema colonial de crenças racistas. Dirigindo uma crítica ao conceito de reconhecimento que pressupõe uma situacionalidade na zona fanoniana do ser, identificaram a cisão entre zona do ser e zona do não ser como sendo produzida pela ideia de raça e denunciaram a ligação entre o conceito de classe e o “poder branco”.

Durante sua fala, Vanessa Thompson, lembrando que a maioria das populações negras vivem em crise há muito tempo, propõe que algo seja feito para que uma relação verdadeiramente solidária se estabeleça entre as diferenças: que a esquerda branca europeia se junte às lutas que tem negligenciado, modificando, assim, a relação racial de poder que se tem estabelecido. Acrescenta, por fim, que a crise é uma oportunidade para a transformação social e que devemos aproveitá-la.

15M

Juan Carlos Monedero defendeu que a transição espanhola foi um pacto com as elites europeias, em que chegaram a Espanha grandes capitais em forma de empréstimos que conduziram à desindustrialização do país. Denunciando a especulação como saque aos trabalhadores pelo capital, defendeu que a crise financeira europeia é uma oportunidade para fazer emergir a luta pelos direitos humanos em torno de pautas comuns. A partir do exemplo do 15M falou sobre o despertar crítico dos velhos consensos para a criação de novos consensos através mais do que de respostas de perguntas. Monedero enfatiza que não é necessário ter uma grande e universal solução para que mudanças importantes aconteçam. Pondera, neste

sentido, a importância da abertura para a perspectiva do Outro (“bajemos un poco nuestras banderas para que se vea las banderas de los demás”).

Segundo ele, a crise económica pode ser uma escola de cidadania porque o económico está na base da possibilidade da reprodução social. Pode ser, inclusive, a possibilidade de um outro sujeito. No debate lançado a partir dos diferentes lugares de enunciação e conhecimentos situados acima invocados, desenvolveu-se uma sociologia das ausências entre movimentos em que, em diálogo franco, as invisibilidades produzidas pelos limites internos de cada luta foram expostas de forma dialéctica.

6. 2. O debate

Como se disse atrás, a exposição das invisibilidades produzidas pelas próprias balizas de cada luta permitiu a emergência de processos de reconhecimento entre lutas tradicionalmente apartadas.

Ficou claro que uma das formas para melhor compreender este afastamento histórico entre lutas prende-se com a própria natureza do Estado moderno e dos processos de inclusão e de exclusão do contrato social que lhe foram e continuam a ser contíguos.

Nesse sentido, a própria discussão sobre as cartas aos europeus conduziu a uma discussão mais lata sobre os alicerces epistemológicos e políticos da Europa.

Conceitos chave do consenso europeu como direitos, cidadania ou mesmo a crise económica e financeira actual, foram suspensos, interrogados e desfeitos por críticas dos movimentos. Essas críticas partiram de lutas situadas, revelando como a própria denúncia é multifacetada, por um lado, e como as lutas sociais na Europa reflectem a própria

heterogeneidade da Europa como um espaço controverso em que diferentes concepções de emancipação podem, por vezes, colidir entre si, como no caso das tensões expressas entre secularismo e religião ou entre classe e raça.

Assim, e tomando como exemplo um conceito caro à identidade oficial europeia, a ideia de direitos viu-se fragmentada pela crítica contra a perda de direitos adquiridos (em particular os direitos sociais), pela crítica contra a desigualdade na aplicação desses mesmos direitos (sendo que os mesmos direitos não são acessíveis a todos), e pela crítica contra a própria concepção hegemónica e eurocêntrica de direitos (da qual são excluídas comovisões que denunciam o princípio da discriminação que acompanha a pretensa igualdade jurídico-legal de matriz universalista entre sujeitos).

Da mesma forma, o espectro da crise económica e financeira foi interpelado a partir de uma crítica política à governação capitalista neoliberal, ao mesmo tempo que uma crítica que denunciava, antes, os pilares colonialistas dos Estados europeus, afirmava a necessidade de situar a discussão no plano da epistemologia. Se a primeira crítica reivindicou novas formas participativas e directas de democracia, a segunda clamou por uma descolonização epistémica e política.

No seio desses debates emergiu uma pergunta forte de difícil resposta, a saber: para falar da Europa não será preciso saber quem está dentro e quem está fora da Europa, ou por outra, quem se encontra incluído nessa ideia oficial de um espaço de direitos e quem se encontra irremediavelmente excluído do mesmo? Para essa pergunta foram convocados e colocados frente a frente os conceitos de classe e de raça numa discussão sobre os mecanismos de diferenciação e de gestão da exclusão. Se essa tensão entre a classe e a raça se mostrou irresolúvel, pôde-se, ainda assim, chegar a um consenso de que a crise, denunciada pelos movimentos sociais como esgotamento do sistema eurocêntrico, colonialista e capitalista que sustenta a governação neoliberal, vem turvando as fronteiras entre quem se encontra dentro ou fora do contrato social europeu. Por fim, nessa tensão, lugares de enunciação diferenciados



encontraram-se na convergência em torno da educação como arena crucial para a criação de novas gramáticas, quadros institucionais e experiências de democracia.

7. Quinto Momento – As ausências da oficina

A este intenso debate, seguiu-se a identificação derradeira das ausência na oficina, em que os participantes sinalizaram a ausência de mais de 45 organizações e movimentos sociais, desvelando a vitalidade, nem sempre visível, da mobilização social no espaço que desenha a Europa a partir de baixo.

Ausências

SOS Prisões

Centro Cultural Islâmico de Lisboa

Associação Cigana de Portugal

Movimiento contra la intolerância

Foro Europeo de Mujeres Musulmanas

Plataforma Ciudadana contra Islamofobia

Critical Resistance

Unión Romani

CONAIE (Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador)

Federación de Vecinos de España

Colectivo Feminista “Marias do Loureiro”

Marcha Mundial das Mulheres

CONNECTAR (Redes Colectivas de Produção Local)

Associação Portuguesa de Deficientes
Associação Académica de Coimbra
The Voice Refugee Forum
AAPDEP (All African Peoples Development and Empowerment Project)
Plataforma Gheto
CADTM (Comité para a Anulação da Dívida do Terceiro Mundo)
Citizens International (Malaysia)
UMMATU WAMIDA (Iran)
NPA (Conferencia de la Izquierda Anticapitalista Europea)
Partido de la Izquierda Europea
La Via Campesina
Gaia
ICAN (International Citizen's Audit Network)
Egalite
Association des Travailleurs Maghrébins de France (ATFM)
Alliance Noire Citoyenne (ANC – France)
Colloquium of Color
Decolonial Berlin
CUP (Candidatura d'Unitat Popular)
Assemblea Transmaricaballo
Toma la Facultad (contrapoder; la caverna)
Brigadas Vecinales de Observación de los Derechos Humanos
People Affected by Megaprojects
Ogoni People's Movement (Nigeria)
Movement Against Women's Oppression in India

Youth Movement of the Islamic Brotherhood in Egypt

Arab European League

Fórum Brasileiro de Economias Solidárias (FBES)

Movimento dos Afectados por Barragens (MAB)

MORHAN – Movimento de Reintegração das Pessoas atingidas pela

Hanseníase

CIDAC

MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)

Mujeres de Negro (Palestina)

8. Temas para debate futuro e encaminhamentos

Em vista à continuidade do processo de inter-conhecimento e da articulação de uma pauta comum apta a fomentar acções coletivas conjuntas entre os movimentos sociais e as organizações que participaram na oficina da UPMS “Cartas aos Europeus”, foram estabelecidos e acordados temas para debate futuro, abaixo enunciados.

Temas para Debate

Revisão das “Cartas aos Europeus”
Quem são os Europeus?
União Europeia
Intercâmbio de experiências e leituras recíprocas
Islão e religião
Estado
Relação das lutas com a revolução
A escala das lutas
Rearticulação das lutas contra a crise económica pelos movimentos anti-sistémicos
Raça/classe nos movimentos anti-sistémicos de esquerda

Nos encaminhamentos finais da oficina, deliberou-se a revisão das “Cartas aos Europeus” após esta oficina de inter-conhecimento entre movimentos sociais heterogéneos, cujo resultado se encontra num livro em português e inglês que, enquanto um dos outputs desta oficina da UPMS, procurou ser um instrumento de fortalecimento das lutas e das coligações entre as mesmas. Um outro output desta oficina registou num video os principais momentos da oficina, em paralelo com o presente relatório.



As fotografias da oficina da UPMS “Cartas aos Europeus” que teve lugar em Fevereiro de 2013 em Leiria podem ser vistas em <http://www.universidadepopular.org/site/pages/pt/galerias/fotos.php>.

O vídeo sobre a mesma oficina, encontra-se disponível em: alice.ces.uc.pt/en/index.php/portugal/upms-leiria-february-2013/.

O livro com as “Cartas aos Europeus” finais redigidas pelos movimentos sociais que participaram na mesma oficina pode ser encontrado em: <http://alice.ces.uc.pt/en/index.php/alice-work/letters-to-european/?lang=pt>.

Relatoria: Alice Cruz e Luciane Lucas dos Santos (Projecto “ALICE – Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas: Definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências do Mundo”)

Anexo 1



Carta-convite de Boaventura de Sousa Santos, dirigida aos movimentos e organizações sociais:

“Car@ dirigente ou ativista:

Venho fazer-lhe um convite que o/a pode surpreender. Deixe-me explicar. Estou a realizar um projeto de investigação-ação (Projeto Alice: www.alice.ces.uc.pt), que parte da seguinte ideia. A Europa, tal como está (e não me refiro apenas à atual crise financeira, política e social da União Europeia), tem pouco ou nada a ensinar ao mundo. Aliás, não tem sequer uma solução socialmente digna e justa para os seus próprios problemas internos. Seria bom que a Europa pudesse aprender com a experiência do mundo. Mas cinco séculos de colonialismo parecem terem-na incapacitado para aprender com aqueles que sempre considerou inferiores. Esta é a tragédia da Europa e é também uma tragédia para o mundo uma vez que a ideologia eurocêntrica ainda hoje domina globalmente. Que é que tem de ser feito para superar esta situação? Se a Europa pudesse aprender com a experiência do mundo, que lições concretas lhe seriam mais úteis?

Ninguém individualmente tem resposta para estas questões mas penso que todos juntos podemos dar um contributo importante, partilhando as reflexões que estas duas perguntas nos suscitam. Daí, o convite que lhe faço.

Convido-o a participar na iniciativa de dirigir uma “carta aos Europeus”. A mensagem, a crítica e a sugestão de aprendizagem que escrever pode ser dirigida aos europeus em geral ou a alguém em especial. Pode dirigir-se: aos europeus ou alguns grupos de europeus; aos dirigentes políticos ou sociais; a partidos ou sindicatos; a instituições, entidades, organizações ou movimentos europeus que considere relevantes. As cartas de todos os representantes dos movimentos que acederem a este convite serão reunidas e disponibilizadas publicamente pelo



Projeto Alice, que promoverá debates a partir das interpelações encaminhadas pelos movimentos e organizações.

Convido-o/a na sua qualidade de representante de um movimento ou organização que luta dentro da Europa contra a exclusão, a discriminação, a exploração e a opressão. Espero que o aceite por estar tão convicto/a quanto eu que é importante iniciar um debate sobre aprendizagens de diferentes experiências do mundo, inclusive das que têm lugar na Europa mas que a ideologia e os interesses dominantes não deixam conhecer ou reconhecer como importantes.

A recolha de experiências, de sofrimentos e de resistências, de críticas e de sugestões de aprendizagens possíveis e necessárias permitirá identificar, discutir e sistematizar os conhecimentos que fazem falta à Europa e aos europeus, e contribuirá para criar um pensamento alternativo das alternativas, a ideia de que olhares alternativos permitirão ver outras alternativas e desta forma ampliar as possibilidades da acção política transformadora.”

Anexo 2



Depoimento oral de Boaventura de Sousa Santos sobre a UPMS:

“The UPMS is an initiative of popular education that I launched in 2013 in the World Social Forum, together with leaders of social movements and non-governmental organizations, with the purpose of starting a co-learning process, a very vast co-learning process that includes different social movements, each one with their own knowledge, discourse, grammars, languages, and also a co-learning process between social scientists and artists that are committed to a progressive social change and to the popular knowledge that is developed by social movements and NGOs.

Why this? I had been conducting some epistemological critique of western science to show not only the limits of objectivity, and the distinction, which is critical to me, between objectivity and neutrality, but also to contest the idea of the exclusive epistemological privilege of science as a rigorous knowledge.

In my work with social movements - and as I guess with all of you who have experienced working with people that are knowledge holders-, they know their struggles, they know their life, the knowledge that comes from their own struggles, the knowledge that is born in the struggle. It's not academic knowledge. Sometimes it's popular legal knowledge, as I when I was doing my PhD on favelas on Rio de Janeiro and studying what I then called the law of the oppressed, that was a kind of popular and unofficial law, in fact it was a law that was illegal from the point of view of the State. So there's this idea of different knowledges circulating in society and only one kind of them - the one that is made at research centers - is considered the only valid knowledge.

So having that in mind, the World Social Forum brought together, in the beginning of the last decade 2000, social scientists, artists, all of them united by the idea of progressive social change, as well as social movements and NGOs coming from different continents with different



ideas, fighting for different struggles, be they women, workers, peasants, indigenous people, human rights, right to city, LGBT, etc., all of them with different languages - sometimes with different colonial languages in linguistic terms-, but also with different grammars, different concepts, different ways of naming their struggles. And this brought to my attention the idea that we should develop some kind of co-learning that would bring us together. Not just academic knowledge with non-academic knowledge, but also popular knowledges among themselves - urban knowledges and rural knowledges, peasants knowledges and women's knowledges, LGBT knowledges, and other kinds of knowledges - all these different knowledges and different concepts should be brought together under what for me is very important in my epistemological thinking, the idea that we need to try by this co-learning to develop forms of ecology of knowledges through intercultural translation. I'm not talking about intercultural translation between the oppressed and the oppressor, between the dominant knowledge and the dominated knowledges, I'm concerned with intercultural translation among social movements, the different social movements, and the way we can come, in fact, to an understanding of these different knowledges. And of course the scientific knowledge, which is a dominant knowledge, but that can be put to a counter-hegemonic use by progressive social scientists, activists, artists that are involved in the struggle for a better world.

So having this in mind we set up the idea of a Popular University of Social Movements which is basically a form of popular education in which the distinction between educator and educatee collapses, because all of us are educators and all of us teach something to the other in a horizontal way, which in fact is not a romantic one because, of course, we know the power relations among different kinds of knowledges, but we try to do our best to be self-critical and to engage in a vast dialogue.

So we have a chart of principles which you can read in <http://www.universidadepopular.org> and we have a methodology. And basically what it is? We get together for at least two days in which one third of usually forty people are intellectuals-activists, two thirds are activists or



leaders of social movements and NGOs, from different NGOs and different movements, that is to say not just workers movements, not just peasants movements, but also urban movements, LGBT, afro-descendent movements in Latin America and so on. And we try to develop common understandings about the way in which the world is being run by neoliberalism and capitalism, and what could unites us - what are our differences, what are our convergences - and how we could get together in a struggle for a better world. So basically the idea is that, in fact, global capitalism got united, as it is today in the financial capitalism very clearly so, and the social movements fighting against global capitalism are very divided and very localized, so we should fight for an alternative globalization.

We've been holding these meetings in several countries. We've started in Latin America. Some of them were national, now they are already international. We organized them in Colombia, then in Argentina, in Brazil, and this year we already organized them in Portugal, in Spain and in Tunis. In Tunis fifteen countries were involved, in Leiria were also involved countries from the European region. Therefore we had movements and organizations with different ideas, with different conceptions. And in the end we usually do a report, a systematization of the different ideas, of the discussions, and basically what we need in the end is that people get to know each other better and eliminate stereotypes and recognize their differences and their convergences, and create a disposition to get together in the struggles that are done today.

Finally we are trying nowadays to develop some output of these popular universities that will last beyond the sessions of the popular university and we started in Leiria with the idea of the Letters to the Europeans, because we were in Europe, and these letters are being written by different social movements, they will be available in the page of the Popular University of Social Movements, and they are fabulous documents of denunciation of the discrimination and exclusion in Europe and also of the other Europes that are silenced by the dominant Europe. Therefore they are important documents for students, for activists.



That's the basic idea and we'll be organizing some coming workshops (...) We are really very mobilized (...) to try to have a discussion in order to develop what we call an ecology of knowledges through intercultural translation, basically to promote collective action. I think that collective action has to be more intercultural and that's what we are up to".